

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Relíquias de Casa Velha

Machado de Assis

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Relíquias da Casa Velha

Machado de Assis

# Relíquias de Casa Velha

## Machado de Assis

### Ilustrações

Eduardo Schloesser  
Iran Elson

### Editor

Lécio Cordeiro

### Leitura, Adaptação e Comentários

Malthus de Queiroz

### Direção de arte

Elto Koltz

### Diagramação

Deborah Lobo  
Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

**Editores Prazer de Ler Ltda.**

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2014

Impresso no Brasil

Q3r Queiroz, Malthus, 1976-

Relíquias de casa velha /Machado de Assis ; adaptação:  
Malthus de Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser.  
– Recife : Prazer de Ler, 2012.

112p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I. Assis,  
Machado de, 1839-1908. II. Schloesser, Eduardo, 1962-. III. Título.  
IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-047

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-65284-76-9

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram  
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

# Relíquias de Casa Velha



## Advertência

Uma casa tem muitas vezes as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Suponhamos que o dono pense em arejá-las e expô-las para nosso divertimento. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam ser mostradas.

Chama de casa à minha vida, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, **ideias**, histórias, críticas, diálogos, e verás o livro e o título explicados. Possivelmente não terão a mesma suposta riqueza daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de serem mostradas. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti o perdão pela má escolha.

*Machado de Assis*

A Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apeteçada  
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores — restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

## Pai contra mãe

A escravidão levou consigo ocupações e aparelhos, como aconteceu a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos apenas porque se ligam a certa ocupação. Um deles era o ferro no pescoço, outro o ferro no pé; havia também a máscara de folha de flandres<sup>1</sup>. A máscara fazia os escravos perderem o vício da embriaguez, tapando suas bocas. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Junto com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos trocados do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas nem sempre se alcança a ordem social e humana sem o grotesco e, algumas vezes, o cruel. Os que trabalham com ferro as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não tratemos de máscaras.

O ferro no pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imagina uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave.

Pesava, naturalmente, mas era menos um castigo que uma identificação. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava-se um reincidente, e logo era capturado.

---

<sup>1</sup> Chapa fina de ferro laminado, coberta com uma camada de estanho.

Há meio século, os escravos fugiam com **frequência**. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem, e nem todos gostavam de apanhar. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade aliviava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Houve casos, raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo<sup>2</sup>, começava a correr, sem tomar conhecimento das ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raros, apenas os espertos, pediam ao senhor que lhes cobrasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, comerciando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lhe levasse de volta. Colocava anúncios nos jornais, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tivesse, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” — ou “receberá uma boa gratificação”. Muitas vezes o anúncio trazia em cima ou ao lado uma ilustração, figura de homem negro, descalço, correndo, vara no ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o escondesse.

Ora, pegar escravos fugidos era uma ocupação daquele tempo. Não seria nobre, mas, por ser um instrumento com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza característica dessas ações. Ninguém se metia em tal ofício por prazer ou estudo; a pobreza, a necessidade de um rendimento, a falta de habilidade para outros trabalhos, o acaso, e algumas vezes o gosto de servir, ainda que de outro jeito, davam o impulso ao homem que se sentia bastante decidido para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves — Candinho, em família — é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga; cedeu à pobreza, quando adquiriu a ocupação de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não **aguentava** emprego nem ofício, precisava de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo<sup>3</sup>. Começou por querer aprender tipografia, mas cedo viu que era

<sup>2</sup> Mercado de escravos do Rio de Janeiro, atuante nos séculos XVIII e XIX.

<sup>3</sup> Má sorte, azar.

preciso algum tempo para uma boa composição, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço trabalhou em um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos o feria na corda do orgulho, e ao fim de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Empregado de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, ele não tinha mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que, aliás, já tomara algumas lições. Não lhe custou tomar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter no que trabalhar quando casasse, e o casamento não demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse um pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro interesse. Passavam de tarde, olhavam muito para ela, ela para eles, até que à noite ela se recolhia para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, uma paciente pescaria, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para rodear a isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz destinatários. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi — para lembrar o primeiro ofício do namorado — tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior acabado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram impedi-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado demais a farras.



— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com um defunto.

— Não, defunto, não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles foram morar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

— Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

— Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga das farras, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria por tudo. Os nomes eram objeto de trocadilhos, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso se digerira sem esforço. Ela agora cosia mais, ele saía em busca de uma coisa e outra; não tinha emprego certo. Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, ficava escondido na eternidade. Um dia, porém, a criança deu sinal; macho ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada felicidade. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

— Deus nos ajudará, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não foi preciso mais que espreitar a aurora do dia grande.

A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. De tanto pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A refeição era escassa, os intervalos longos.

Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

— Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

— Mas as outras crianças não nascem também?, perguntou Clara.

— Nascem e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

— Certa como?

— Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que vem aí gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi falar com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se algum dia já deixara de comer.

— A senhora ainda não jejuou a não ser na semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

— Bem sei, mas somos três.

— Seremos quatro.

— Não é a mesma coisa.

— Que quer então que eu faça, além do que faço?

— Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem nenhum dinheiro.

— Sim, mas aí vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos se entregam logo.

Tinha glória nisso, falava da esperança como de dinheiro certo. Daí a pouco ria, e fazia a tia rir, que era naturalmente alegre, e previa uma farra no batizado.

Cândido Neves perdera já o trabalho de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda.

Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Com os sinais e os costumes de um escravo fugido fixados, gastava pouco tempo para achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, em uma esquina, conversando coisas passadas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava o melhor lugar, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão.

Um dia os lucros começaram a ficar menores. Os escravos fugidos já não vinham, como antes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescia, mais de um desempregado caiu em si, pegou uma corda, foi aos jornais, copiou anúncios e colocou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram a subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa do marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se pela cara que não trazia tostão. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, **enganar-se** de pessoa e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um negro livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

— É o que lhe faltava!, exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o engano e suas **consequências**. Deixe disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera fazer outra coisa, não pelo conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava logo negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado para a mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispense também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

— Não, tia Mônica!, bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do último mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança à Roda dos Enjeitados<sup>4</sup>. Na verdade, não podia haver palavra mais dura de suportar a dois

<sup>4</sup>A Roda dos Enjeitados era um lugar no Convento das Freiras da Ajuda (atual Cinelândia) no qual os recém-nascidos eram abandonados para que fossem recolhidos e criados pelas religiosas.

jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar o quê!? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase se desfazendo inteiramente. Clara interveio.

— Titia não fala por mal, Candinho.

— Por mal?, replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família vai poder aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é algum lixão? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui morrer é certo, se viver na pobreza. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se no quarto. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor — crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como se amparasse seu ânimo; Cândido Neves fez uma careta e chamou a tia de maluca, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

— Quem é?, perguntou o marido.

— Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

— Não é preciso...

— Faça favor.

O credor entrou e se recusou a sentar, passou os olhos na mobília para ver se podia penhorar algo; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, iria pô-los na rua. Não havia trabalhado para sustentar os outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra tinha o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a dizer algo em seu favor. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.



— Cinco dias ou rua!, repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Assim, recorreu aos anúncios.

Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava há muito tempo. Gastou algumas horas sem proveito e voltou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; fez empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era delicada. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; o jeito era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte para conseguir aposento para os três na casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise, começasse por não aceitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma.

Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, iria espantá-los com a notícia do favor e iriam dormir melhor do que pensavam.

Assim aconteceu. Colocados para fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. “Se você não quer levá-la, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos.”

Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Nota que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovia à noite, o pai resolveu levá-lo à Roda na noite seguinte.

Lá reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil.

Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara pesquisando-a sem muita sorte e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava

a houvesse recolhido. Agora, porém, a nova vista da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã perguntando pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido um pouco de qualquer remédio, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara a dieta para a mãe recente e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, apesar do acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio local em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou conformada. Tia Mônica pintara a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou-o e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

— Vou entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabar; foi então que pensou em entrar por um dos becos que ligavam aquela rua à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, dobrando à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não narro aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

— Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até o ponto em que pudesse pegar a mulher sem fazer alarme. No fim da rua, quando ela ia descendo a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

— Arminda!, bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem perceber malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível.

Cândido Neves, com as mãos fortes, prendia-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

— Estou grávida, meu senhor!, exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peça-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

— Siga!, repetiu Cândido Neves.

— Me solte!

— Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja compreendia o que era e naturalmente não fazia nada. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau e provavelmente a castigaria com surras — coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar uma surra.

— Você é que tem culpa. Quem manda fazer filhos e fugir depois?, perguntou Cândido Neves.

Não estava numa maré boa por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele.

Também é certo que não costumava dizer grandes coisas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés na parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que conseguiu foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em chegar lá do que deveria. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, ofegante. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, atendeu ao chamado e ao barulho.

— Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

— É ela mesma.

— Meu senhor!

— Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. Ficou no chão, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, era preciso correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as **consequências** do desastre.

Quando chegou lá, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diferente, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal e saiu às carreiras, não para a Roda dos Enjeitados, mas para a casa de empréstimo, com o filho e os cem mil de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se importava com o aborto.

— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

# Maria Cora

## I

Uma noite, voltando para casa, vinha com tanto sono que não dei corda no relógio. Pode ser também que a vista de uma senhora que encontrei em casa do comendador T. contribuisse para aquele esquecimento; mas estas duas razões destroem-se. Cogitação tira o sono, e o sono impede a cogitação; só uma das causas devia ser verdadeira. Ponhamos que nenhuma, e fiquemos no principal, que é o relógio parado, de manhã, quando me levantei, ouvindo dez horas no relógio da casa.

Morava então (1893) em uma casa alugada no Catete. Já nesse tempo este gênero de residência florescia no Rio de Janeiro. Era pequena e **tranquila**. Os quatrocentos contos de réis permitiam-me casa exclusiva e própria; mas, em primeiro lugar, eu já residia ali quando os adquiri, em um jogo; em segundo lugar, era um solteirão de quarenta anos, tão apegado à vida de hospedaria que me seria impossível morar só. Casar não era menos impossível. Não é que me faltassem noivas. Desde os fins de 1891 mais de uma dama — e não das menos belas — olhou para mim com olhos doces e amigos. Uma das filhas do comendador tratava-me com particular atenção. A nenhuma dei corda; o celibato era a minha alma, a minha vocação, o meu costume, a minha única ventura. Amaria como ocupação e por prazer. Uma ou duas aventuras por ano bastavam a um coração meio inclinado ao crepúsculo e à noite.

Talvez por isso dei alguma atenção à senhora que vi na casa do comendador, na véspera.

Era uma criatura morena, forte, vinte e oito a trinta anos, vestida de escuro; entrou às dez horas, acompanhada de uma tia velha. A recepção que lhe fizeram foi mais cerimoniosa que as outras; era a primeira vez que ia ali. Eu, a terceira. Perguntei se era viúva.

- Não; é casada.
- Com quem?
- Com um fazendeiro do Rio Grande.
- Chama-se?
- Ele? Fonseca; ela, Maria Cora.
- O marido não veio com ela?
- Está no Rio Grande.

Não soube mais nada; mas a figura da dama **interessou-me** pelas graças físicas, que eram o oposto do que poderiam sonhar poetas românticos e artistas angelicais. Conversei com ela alguns minutos, sobre coisas indiferentes — mas suficientes para escutar-lhe a voz, que era musical, e saber que tinha opiniões republicanas. Envergonhou-me confessar que não tinha opiniões políticas de espécie alguma; declarei-me vagamente pelo futuro do país. Quando ela falava, tinha um modo de umedecer os beijos, não sei se casual, mas gracioso e picante. Creio que, vistas assim ao pé, as feições não eram tão corretas como pareciam à distância, mas eram mais suas, mais originais.

## II

De manhã o relógio tinha parado. Chegando à cidade, desci a Rua do Ouvidor, até à da Quitanda, e voltando à direita, para ir ao escritório do meu advogado, lembrou-me ver que horas eram. Não me ocorreu que o relógio estava parado.

- Que chatice!, exclamei.

Felizmente, naquela mesma Rua da Quitanda, à esquerda, entre as do Ouvidor e Rosário, era a oficina onde eu comprara o relógio e cuja pêndula eu usava para acertá-lo. Em vez de ir para um lado, fui para outro. Era apenas meia hora; dei corda ao relógio, acertei-o, troquei duas palavras com o oficial que estava

no balcão, e, saindo, vi à porta de uma loja de novidades que ficava defronte nem mais nem menos que a senhora de escuro que encontrara na casa do comendador.

Cumprimentei-a, ela correspondeu depois de alguma hesitação, como se não houvesse me reconhecido logo, e depois seguiu pela Rua da Quitanda afora, ainda para o lado esquerdo.

Como tinha algum tempo na minha frente (pouco menos de trinta minutos), andei atrás de Maria Cora. Não digo que uma força violenta me levasse, mas não posso esconder que cedia a qualquer impulso de curiosidade e desejo; era também um resto da juventude passada. Na rua, andando, vestida de escuro, como na véspera, Maria Cora pareceu-me ainda melhor. Pisava forte, não apressada nem lenta, o bastante para deixar ver e admirar as belas formas, muito mais corretas que as linhas do rosto. Subiu a Rua do Hospício, até uma oficina de oculista, onde entrou e ficou dez minutos ou mais. Fiquei a distância, fitando a porta disfarçadamente.

Depois saiu, tomou caminho, e dobrou a Rua dos Ourives, até à do Rosário, por onde subiu até o Largo da Sé; daí passou ao de S. Francisco de Paula. Todas essas lembranças parecerão desnecessárias, senão aborrecíveis; a mim dão-me uma sensação intensa e particular, são os primeiros passos de uma carreira penosa e longa. Demais, verás por aqui que ela evitava subir a Rua do Ouvidor, que todos e todas buscariam aquela ou a outra hora para ir ao Largo de São Francisco de Paula. Foi atravessando o largo, na direção da Escola Politécnica, mas a meio caminho veio ao encontro dela um carro que estava parado defronte da Escola; meteu-se nele, e o carro partiu.

A vida tem suas encruzilhadas, como outros caminhos da terra. Naquele momento achei-me diante de uma muito complicada, mas não tive tempo de escolher direção — nem tempo nem liberdade. Ainda agora não sei como é que me vi dentro de um carro; é certo que me vi nele, dizendo ao cocheiro que fosse atrás do outro carro.

Maria Cora morava no Engenho Velho; era uma boa casa, sólida, ainda que antiga, dentro de uma chácara. Vi que morava ali porque a tia estava a uma das janelas. Saindo do carro, Maria Cora disse ao cocheiro (o meu carro ia passando adiante) que naquela semana não sairia mais e que aparecesse segunda-feira



Relíquias de Casa Velha

ao meio-dia. Em seguida, entrou pela chácara, como dona dela, e parou para falar ao feitor, que lhe explicava alguma coisa com o gesto.

Voltei depois que ela entrou em casa e só muito abaixo é que me lembrou de ver as horas, era quase uma e meia. Vim rapidamente até a Rua da Quitanda, onde parei à porta do advogado.

— Pensei que não vinha, disse-me ele.

— Desculpe, doutor, encontrei um amigo que me segurou com chatices.

Não era a primeira vez que mentia na minha vida, nem seria a última.

### III

Fiz-me encontrar com Maria Cora, primeiro na casa do comendador e depois em outras. Maria Cora não vivia absolutamente reclusa, dava alguns passeios e fazia visitas.

Também recebia, mas sem dia certo, uma ou outra vez, e apenas cinco a seis pessoas da intimidade. O sentimento geral é que era pessoa de fortes sentimentos e costumes rigorosos.

Acrescenta a isto o espírito, um espírito esperto, brilhante e viril. Capaz de resistências e cansaços, não menos que de violências e combates, era feita, como dizia um poeta que lá ia à casa dela, “de um pedaço de pampa<sup>5</sup> e outro de pampeiro<sup>6</sup>”. A imagem era em verso e com rima, mas a mim só me ficou a **ideia** e o principal das palavras. Maria Cora gostava de ouvir-se definida assim, ainda que não andasse mostrando aquelas forças a cada passo nem contando as suas memórias da adolescência. A tia é que contava algumas, com amor, para concluir que se parecia muito com ela, que também fora assim na mocidade. A justiça pede que se diga que, ainda agora, apesar de doente, a tia era pessoa de muita vida e força.

Com pouco, apaixonei-me pela sobrinha. Não me pesa confessá-lo, pois foi a ocasião da única página da minha vida que merece atenção particular. Vou narrá-la brevemente; não conto novela nem direi mentiras.

Gostei de Maria Cora. Não lhe disse logo o que sentia, mas é provável que ela o percebesse ou adivinhasse, como todas as mulheres. Se a descoberta ou adivinhação foi anterior à minha ida à casa do Engenho Velho, nem assim deve-se censurá-la por ter me convidado a ir ali uma noite. A minha disposição moral podia ser então indiferente a ela; podia também gostar de se sentir querida, sem a menor **ideia** de retribuição. A verdade é que fui essa noite e voltei outras; a tia gostava de mim e dos meus modos. O poeta que ia lá, tagarela e tonto, disse uma vez que

---

<sup>5</sup>Vasta planície de vegetação rasteira, característica do Rio Grande do Sul, da Argentina e do Uruguai.

<sup>6</sup>Vento frio e seco que sopra na região dos pampas.

estava preparando os versos para o casamento da tia comigo. A tia riu; eu, que queria as boas graças dela, não podia deixar de rir também, e o caso foi matéria de conversação por uma semana; mas já então o meu amor à outra tinha atingido o cume.

Soube, pouco depois, que Maria Cora vivia separada do marido. Tinham casado oito anos antes, por verdadeira paixão. Viveram felizes cinco. Um dia, veio uma aventura do marido que destruiu a paz do casal. João da Fonseca apaixonou-se por uma figura de circo, uma chilena que voava em cima do cavalo, Dolores, e deixou a fazenda para ir atrás dela. Voltou seis meses depois, curado do amor, mas curado à força, porque a aventureira se enamorou do redator de um jornal, que não tinha tostão, e por ele abandonou Fonseca e a sua riqueza. A esposa tinha jurado não aceitar mais o esposo, e tal foi a declaração que lhe fez quando ele apareceu na fazenda.

— Tudo está acabado entre nós; vamos nos desquitar.

João da Fonseca teve um primeiro gesto de acordo; era um quarentão orgulhoso, para quem tal proposta era uma ofensa. Durante uma noite tratou dos preparativos para o desquite; mas, na seguinte manhã, as graças da esposa novamente o comoveram. Então, sem tom implorativo, antes como quem lhe perdoava, entendeu dizer-lhe que deixasse passar uns seis meses. Se, ao fim de seis meses, persistisse o sentimento atual que inspirava a proposta do desquite, este se faria. Maria Cora não queria aceitar a emenda, mas a tia, que residia em Porto Alegre e fora passar algumas semanas na fazenda, interveio com boas palavras. Antes de três meses estavam reconciliados.

— João, disse-lhe a mulher no dia seguinte ao da reconciliação, você deve ver que o meu amor é maior que o meu ciúme, mas fica entendido que este caso da nossa vida é único. Nem você me fará outra, nem eu lhe perderei nada mais.

João da Fonseca achava-se então em um renascimento do delírio conjugal; respondeu à mulher jurando tudo e mais alguma coisa. Aos quarenta anos, concluiu ele, não se fazem duas aventuras daquelas, e a minha foi de doer. Você verá, agora é para sempre.

A vida recomeçou tão feliz, como dantes — ele dizia que mais. Com efeito, a paixão da esposa era violenta, e o marido tornou a amá-la como outrora. Viveram assim dois anos. Ao fim

desse tempo, os desejos do marido haviam diminuído, alguns amores passageiros vieram meter-se entre ambos. Maria Cora, ao contrário do que lhe dissera, perdoou essas faltas, que aliás não tiveram a extensão nem o tamanho da aventura Dolores. Os desgostos, entretanto, apareceram e grandes. Houve cenas violentas. Ela parece que chegou mais de uma vez a ameaçar que se mataria; mas, mesmo que não lhe faltasse o ânimo para tal, não fez tentativa nenhuma, tanto que lhe doía deixar a própria causa do mal, que era o marido. João da Fonseca percebeu isso e explorou a fascinação que exercia na mulher.

Uma circunstância política veio complicar esta situação moral. João da Fonseca era pelo lado da revolução, dava-se com vários dos seus chefes, e pessoalmente detestava alguns dos contrários. Maria Cora, por laços de família, era contra os federalistas. Esta oposição de sentimentos não seria bastante para separá-los, nem se pode dizer que, por si mesma, azedasse a vida dos dois. Embora a mulher, ardente em tudo, não fosse menos ao condenar a revolução, chamando nomes crus aos seus chefes e oficiais; embora o marido, também excessivo, respondesse com igual ódio, as suas indisposições políticas apenas aumentariam as domésticas e provavelmente não passariam dessa troca de conceitos, se uma nova Dolores, desta vez Prazeres, e não chilena nem artista, não revivesse os dias amargos de outro tempo. Prazeres era ligada ao partido da revolução, não só pelos sentimentos, como pelas relações da vida com um federalista. Eu a conheci pouco depois, era bela e charmosa; João da Fonseca era também um homem sedutor. Podiam amar-se fortemente, e assim foi. Vieram incidentes, mais ou menos graves, até que um decisivo determinou a separação do casal.

Já pensavam nisso há algum tempo, mas a reconciliação não seria impossível, apesar da palavra de Maria Cora, graças à intervenção da tia; esta havia insinuado à sobrinha que residisse três ou quatro meses no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Sucedeu, porém, uma coisa triste de dizer.

O marido, em um momento de descontrole, ameaçou a mulher com o chicote. Outra versão diz que ele tentara esganá-la. Quero crer que a primeira é a verídica, e que a segunda foi inventada para tirar da violência de João da Fonseca o que pudesse

haver de deprimente e vulgar. Maria Cora não disse mais uma só palavra ao marido. A separação foi imediata; a mulher veio com a tia para o Rio de Janeiro, depois de arranjados amigavelmente os interesses monetários. Além do mais, a tia era rica.

João da Fonseca e Prazeres ficaram vivendo juntos uma vida de aventuras que não importa escrever aqui. Só uma coisa interessa diretamente à minha narração. Tempos depois da separação do casal, João da Fonseca estava alistado entre os revolucionários. A paixão política, mesmo que forte, não o levaria a pegar em armas, se não fosse uma espécie de desafio da parte de Prazeres; assim correu entre os amigos dele, mas ainda este ponto é obscuro. A versão é que ela, desesperada com o resultado de alguns combates, disse ao fazendeiro que iria, disfarçada de homem, vestir farda de soldado e lutar pela revolução. Era capaz disso; o amante disse-lhe que era uma loucura, ela acabou propondo-lhe que, nesse caso, fosse ele lutar em vez dela; era uma grande prova de amor que lhe daria.

— Não tenho dado tantas?

— Tem, sim; mas esta é a maior de todas; me fará ligada a ti até a morte.

— Então agora ainda não é até a morte?, perguntou ele rindo.

— Não.

Pode ser que as coisas se passassem assim. Prazeres era, com efeito, uma mulher caprichosa e imperiosa e sabia prender um homem por laços de ferro. O federalista, de quem se separou para acompanhar João da Fonseca, depois de fazer tudo para reavê-la, passou à campanha oriental, onde dizem que vive pobremente, cabelos brancos e envelhecido vinte anos, sem querer saber de mulheres nem de política. João da Fonseca acabou cedendo; ela pediu para acompanhá-lo e até lutar, se fosse preciso; ele negou-lhe. A revolução triunfaria em breve, disse; vencidas as forças do governo, voltaria à fazenda, onde ela o esperaria.

— Na fazenda, não, respondeu Prazeres; espero-te em Porto Alegre.

## IV

Não importa dizer o tempo que empreguei nos inícios da minha paixão, mas não foi grande.

A paixão cresceu rápida e forte. Afinal senti-me tão tomado por ela que não pude mais guardá-la comigo e resolvi declará-la uma noite; mas a tia, que costumava cochilar desde as nove horas (acordava às quatro), daquela vez não pregou olho, e, ainda que o fizesse, é provável que eu não conseguisse falar; tinha a voz presa e na rua senti uma tontura igual à que me deu a primeira paixão da minha vida.

— Senhor Correia, não vá cair, disse a tia quando eu passei à varanda, despedindo-me.

— Pode deixar, não caio.

Passei mal à noite; não pude dormir mais de duas horas, aos pedaços, e antes das cinco estava em pé.

— É preciso acabar com isso!, exclamei.

De fato, não parecia achar em Maria Cora mais que bondade e perdão, mas era isso mesmo que a tornava desejável. Todos os amores da minha vida tinham sido fáceis; em nenhum encontrei resistência, a nenhuma deixei com dor; alguma pena, é possível, e um pouco de recordação. Desta vez sentia-me totalmente tomado. Maria Cora era toda vida; parece que, ao pé dela, as próprias cadeiras andavam e as figuras do tapete moviam os olhos. Põe nisso uma forte dose de doçura e graça; finalmente, a ternura da tia fazia daquela criatura um anjo. É banal a comparação, mas não tenho outra.

Resolvi cortar o mal pela raiz, não tornando ao Engenho Velho, e assim fiz por alguns dias, duas ou três semanas. Busquei distrair-me e esquecer-la, mas foi em vão. Comecei a sentir a ausência como de um bem querido; apesar disso, resisti e não voltei logo. Mas, crescendo a ausência, cresceu o mal, e enfim resolvi voltar lá uma noite. Ainda assim pode ser que não fosse, não achando Maria Cora na mesma oficina da Rua da Quitanda, onde eu fora acertar o relógio parado.

— É freguês também?, perguntou-me ao entrar.

— Sou.

- Vim acertar o meu. Mas por que não tem aparecido?
- É verdade, por que não voltou lá à casa?, completou a tia.
- Uns negócios, murmurei; mas, hoje mesmo pensava ir lá.
- Hoje não; vá amanhã, disse a sobrinha. Hoje vamos

passar a noite fora.

Pareceu-me ler naquela palavra um convite para amá-la de vez, assim como a primeira trouxera um tom que presumi ser de saudade. Realmente, no dia seguinte, fui ao Engenho Velho.

Maria Cora acolheu-me com a mesma boa vontade de antes. O poeta lá estava e contou-me em verso os suspiros que a tia dera por mim. Voltei a visitá-las novamente e resolvi declarar tudo.

Já disse acima que ela provavelmente percebera ou adivinhara o que eu sentia, como todas as mulheres; referi-me aos primeiros dias. Desta vez com certeza percebeu, nem por isso me repeliu. Ao contrário, parecia gostar de se ver querida, muito e bem.

Pouco depois daquela noite escrevi-lhe uma carta e fui ao Engenho Velho. Achei-a um pouco reservada; a tia explicou-me que recebera notícias do Rio Grande que a preocuparam. Não liguei isso ao casamento e busquei alegrá-la; apenas consegui vê-la gentil. Antes de sair, perto da varanda, entreguei-lhe a carta; ia dizer-lhe: “Peço-lhe que leia”, mas a voz não saiu. Vi-a um pouco atrapalhada, e para evitar dizer o que melhor ia escrito, cumprimentei-a e enfiei-me pelo jardim. Pode imaginar-se a noite que passei, e o dia seguinte foi naturalmente igual, na medida em que a outra noite vinha. Pois, ainda assim, não tornei à casa dela; resolvi esperar três ou quatro dias, não que ela me escrevesse logo, mas que pensasse nos termos da resposta. Que estes seriam simpáticos, era certeza minha; as maneiras dela, nos últimos tempos, eram mais que amáveis, pareciam-me convidativas.

Não cheguei, porém, aos quatro dias; mal pude esperar três. Na noite do terceiro fui ao Engenho Velho. Se disser que entrei trêmulo da primeira emoção, não minto. Achei-a ao piano, tocando para o poeta ouvir; a tia, na poltrona, pensava em não sei quê, mas eu quase não a vi, tal a minha primeira alucinação.

— Entre, Senhor Correia, disse esta; não caia em cima de mim.

— Perdão...

Maria Cora não interrompeu a música; ao ver-me chegar, disse:

— Desculpe se lhe não dou a mão, estou aqui servindo de musa a este senhor.

Minutos depois, veio a mim, e estendeu-me a mão com tanta elegância que li nela a resposta e estive quase a dar-lhe um agradecimento. Passaram-se alguns minutos, quinze ou vinte. Ao fim desse tempo, ela alegou como pretexto um livro, que estava em cima das músicas, e pediu-me para dizer se o conhecia; fomos ali ambos, e ela o abriu; entre as duas folhas estava um papel.

— Na outra noite, quando aqui estive, deu-me esta carta; não podia dizer-me o que tem dentro?

— Não adivinha?

— Posso errar na adivinhação.

— É isso mesmo.

— Bem, mas eu sou uma senhora casada, e nem por estar separada do meu marido deixo de estar casada. O senhor me ama, não é? Suponha, pelo melhor, que eu também o amo; nem por isso deixo de estar casada.

Dizendo isto, entregou-me a carta; não fora aberta. Se estivéssemos sós, é possível que eu lhe lesse, mas a presença de estranhos impedia-me este recurso. Além do mais, era desnecessário; a resposta de Maria Cora era definitiva ou me pareceu tal. Peguei na carta e antes de guardá-la comigo:

— Não quer então ler?

— Não.

— Nem para ver os termos?

— Não.

— Imagine que lhe proponho ir combater contra seu marido, matá-lo e voltar, disse eu cada vez mais tonto.

— Propõe isso?

— Imagine.

— Não creio que ninguém me ame com tal força, concluiu sorrindo. Olhe, que estão reparando em nós.

Dizendo isto, separou-se de mim, e foi ficar com a tia e o poeta. Eu fiquei ainda alguns segundos com o livro na mão, como se o examinasse, e afinal deixei-o. Vim sentar-me defronte dela.



Os três conversavam de coisas do Rio Grande, de combates entre federalistas e legalistas, e da sorte deles. O que eu então senti não se escreve; pelo menos, não o escrevo eu, que não sou romancista. Foi uma espécie de desmaio, um delírio, uma cena pavorosa e lúcida, um combate e uma glória. Imaginei-me no campo, entre uns e outros, combatendo os federalistas, e afinal matando João da Fonseca, voltando e casando-me com a viúva. Maria Cora contribuía para esta visão sedutora; agora, que me recusara a carta, parecia-me mais bela que nunca, e a isto somava que se não mostrava zangada nem ofendida, tratava-me com igual carinho que antes, creio até que maior. Disso podia sair uma impressão dupla e contrária — uma de consentimento silencioso, outra de indiferença, mas eu só via a primeira, e saí de lá completamente louco.

O que então resolvi foi realmente de louco. As palavras de Maria Cora: “Não creio que ninguém me ame com tal força”, soavam-me aos ouvidos, como um desafio. Pensei nelas toda a noite, e no dia seguinte fui ao Engenho Velho; logo que tive ocasião de jurar-lhe a prova, fiz.

— Deixo tudo o que me interessa, a começar pela paz, com o único fim de lhe mostrar que a amo e a quero só e santamente para mim. Vou combater a revolta.

Maria Cora fez um gesto de deslumbramento. Daquela vez percebi que realmente gostava de mim, verdadeira paixão, e, se fosse viúva, não casava com outro. Jurei novamente que ia para o sul. Ela, comovida, estendeu-me a mão. Estávamos em pleno romantismo. Quando eu nasci, os meus não acreditavam em outras provas de amor, e minha mãe contava-me os romances em versos de cavaleiros andantes que iam à Terra Santa libertar o sepulcro de Cristo por amor da fé e da sua dama. Estávamos em pleno romantismo.

## V

Fui para o sul. Os combates entre legalistas e revolucionários eram contínuos e sangrentos, e a notícia deles contribuiu para me animar. Entretanto, como nenhuma paixão política me animava a entrar na luta, preciso confessar que por um instante me senti abatido e hesitei. Não era medo da morte, podia ser amor da vida, que é um sinônimo; mas, uma ou outra coisa não foi tal nem tamanha que fizesse durar por muito tempo a hesitação. Na cidade do Rio Grande encontrei um amigo, a quem eu por carta do Rio de Janeiro dissera muito reservadamente que ia lá por motivos políticos. Quis saber quais.

— Naturalmente são reservados, respondi tentando sorrir.

— Bem; mas uma coisa creio que posso saber, uma só, porque não sei absolutamente o que pense a tal respeito, nada havendo antes que me informe. De que lado estás, legalistas ou revoltosos?

— É boa! Se não fosse dos legalistas, não mandaria te dizer nada; viria às escondidas.

— Vens com alguma comissão secreta do marechal?

— Não.

Não me arrancou então mais nada, mas eu não pude deixar de lhe confiar os meus projetos, ainda que sem os seus motivos. Quando ele soube que os meus planos eram alistar-me entre os voluntários que combatiam a revolução, não pôde crer em mim e talvez desconfiasse que efetivamente eu levasse algum plano secreto do presidente. Nunca da minha parte ouviu nada que pudesse explicar semelhante passo. Entretanto, não perdeu tempo em me fazer mudar de **ideia**; pessoalmente era legalista e falava dos adversários com ódio e furor. Passado o espanto, aceitou o meu ato, mais nobre porque não era inspirado por sentimento de partido. Sobre isso disse-me muitas palavras belas e **heroicas**, próprias para levantar o ânimo de quem já tivesse tendência para a luta. Eu não tinha nenhuma, fora as razões particulares; estas, porém, eram agora maiores.

Justamente acabava de receber uma carta da tia de Maria Cora, dando-me notícias delas, e recomendações da sobrinha, tudo com alguma generalidade e certa simpatia verdadeira.

Fui a Porto Alegre, alistei-me e marchei para a campanha. Não disse a meu respeito nada que pudesse despertar a curiosidade de ninguém, mas era difícil encobrir a minha condição, a minha origem, a minha viagem com o plano de ir combater a revolução. Fez-se logo uma lenda a meu respeito. Eu era um republicano antigo, riquíssimo, entusiasta, disposto a dar pela República mil vidas, se as tivesse, e resolvido a não poupar a única. Deixei dizer isto e o mais, e fui. Como eu perguntasse sobre as forças revolucionárias com que estaria João da Fonseca, alguém quis ver nisso uma razão de ódio pessoal; também não faltou quem achasse que eu era espião dos rebeldes, que ia pôr-me em comunicação secreta com aquele. Pessoas que sabiam das relações dele com a Prazeres imaginavam que era um antigo amante desta que queria se vingar dos amores dele.

Todas aquelas suposições morreram, para só ficar a do meu entusiasmo político; a da minha espionagem ia me prejudicando; felizmente, não passou de duas cabeças e de uma noite.

Lejava comigo um retrato de Maria Cora; conseguira-o dela mesma, uma noite, pouco antes do meu embarque, com uma pequena dedicatória cerimoniosa. Já disse que estava em pleno romantismo; dado o primeiro passo, os outros vieram de si mesmos. E agora junta a isso o amor próprio e compreenderá que de simples cidadão indiferente da capital saísse um guerreiro bravo da campanha rio-grandense.

Nem por isso conto combates, nem escrevo para falar da revolução, que não teve nada comigo, a não ser pela ocasião que me dava e por algum golpe que lhe dei na estreita área da minha ação. João da Fonseca era o meu rebelde. Depois de haver tomado parte no combate de Sarandi e Coxilha Negra, ouvi que o marido de Maria Cora fora morto, não sei em que confronto; mais tarde deram-me a notícia de estar com as forças de Gumercindo e também que fora feito prisioneiro e seguira para Porto Alegre; mas ainda isto não era verdade.

Disperso, com dois camaradas, encontrei um dia um regimento legal que ia em defesa da Encruzilhada, atacada ultimamente por uma força dos federalistas; apresentei-me ao comandante e segui. Aí soube que João da Fonseca estava entre essa força; deram-me todos os sinais dele, contaram-me a história dos amores e a separação da mulher.

A **ideia** de matá-lo na confusão de um combate tinha algo fantástico; nem eu sabia se tais duelos eram possíveis em semelhantes ocasiões, quando a força de cada homem tem de somar com a de toda uma força única e obediente a uma só direção. Também me pareceu, mais de uma vez, que ia cometer um crime pessoal, e a sensação que isso me dava, pode crer que não era leve nem doce; mas a figura de Maria Cora abraçava-me e absolvía com uma bênção de felicidades. Atirei-me de vez. Não conhecia João da Fonseca; além dos sinais que me haviam dado, tinha de memória um retrato dele que vira no Engenho Velho; se as feições não estivessem mudadas, era provável que eu o reconhecesse entre muitos. Mas, ainda uma vez, seria este encontro possível? Os combates em que eu entrara já me faziam desconfiar que não seria fácil, ao menos.

Não foi fácil nem breve. No combate da Encruzilhada creio que tive a necessária coragem e disciplina e devo aqui notar que eu ia me acostumando à vida da guerra civil. Os ódios que ouvia eram forças reais. De um lado e outro batiam-se com ardor, e a paixão que eu sentia nos meus aliados ia se pegando em mim. Já tinha lido o meu nome em uma ordem do dia e de viva voz recebera louvores, que não pude deixar de achar justos e ainda agora tais os declaro. Mas vamos ao principal, que é acabar com isto.

Naquele combate achei-me um tanto como o herói de Stendhal na batalha de Waterloo<sup>7</sup>; a diferença é que o espaço foi menor. Por isso, e também porque não me quero deter em coisas de recordação fácil, direi somente que tive ocasião de matar pessoalmente João da Fonseca. A verdade é que escapei de ser morto por ele. Ainda agora trago na testa a cicatriz que ele me deixou. O combate entre nós foi curto. Se não parecesse demais como acontece nos romances, eu diria que João da Fonseca adivinhara o motivo e previra o resultado da ação.

Poucos minutos depois da luta pessoal, a um canto da vila, João da Fonseca caiu abatido. Quis ainda lutar e certamente lutou um pouco; eu é que não permiti a vingança, que podia ser a minha derrota, se é que raciocinei; creio que não. Tudo o que fiz foi cego

---

<sup>7</sup>Referência ao romance *A cartuxa de Parma*, no qual o protagonista Fabrizzio del Dongo, reunindo-se com as forças do imperador francês Napoleão Bonaparte, encontra-se, de repente, no meio de uma correria de soldados desconhecidos, descobrindo no outro dia ter sido a batalha de Waterloo, na qual o imperador foi derrotado pelos seus inimigos.



W. G. B. 1850

pelo sangue em que o deixara banhado e surdo pelos berros e tumulto do combate. Matava-se, gritava-se, vencia-se; em pouco ficamos senhores do campo.

Quando vi que João da Fonseca morrera, voltei ao combate por instantes; a minha embriaguez parara um pouco, e os motivos primários tornaram a me dominar, como se fossem únicos. A figura de Maria Cora apareceu-me como um sorriso de aprovação e perdão; tudo foi rápido.

Já deves ter lido que ali se apreenderam três ou quatro mulheres. Uma destas era a Prazeres. Quando, acabado tudo, a Prazeres viu o cadáver do amante, fez uma cena que me encheu de ódio e de inveja. Pegou em si e deitou-se abraçando-o; as lágrimas que deixou cair, as palavras que disse fizeram uns rirem; outros, se não emocionaram, tiveram algum sentimento de admiração. Eu, como digo, achei-me tomado de inveja e ódio, mas também esse duplo sentimento desapareceu para não ficar nem admiração; acabei rindo. Prazeres, depois de honrar com dor a morte do amante, ficou sendo a federalista que já era; não vestia farda, como dissera ao desafiar João da Fonseca, quis ser prisioneira com os rebeldes e seguir com eles.

É claro que não deixei logo as forças, bati-me ainda algumas vezes, mas a razão principal dominou, e abri mão das armas. Durante o tempo em que estive alistado, só escrevi duas cartas a Maria Cora, uma pouco depois de começar aquela vida nova — outra depois do combate da Encruzilhada; nesta não lhe contei nada do marido, nem da morte, nem sequer que o vira.

Unicamente anunciei que era provável que a guerra civil acabasse brevemente. Em nenhuma das duas fiz a menor referência aos meus sentimentos nem ao motivo do meu ato; entretanto, para quem soubesse deles, a carta era significativa. Maria Cora só respondeu à primeira das cartas, com serenidade, mas não com desinteresse. Percebia-se — ou eu percebia — que, não prometendo nada, tudo agradecia e, quando menos, admirava. Gratidão e admiração podiam encaminhá-la ao amor.

Ainda não disse — e não sei como diga este ponto — que na Encruzilhada, depois da morte de João da Fonseca, tentei degolá-lo; mas nem queria fazê-lo, nem realmente o fiz. O meu objeto era ainda outro e de romance. Perdoa-me tu, realista sincero, há nisto também um pouco de realidade, e foi o que pratiquei, de acordo

com o estado da minha alma: o que fiz foi cortar-lhe um molho de cabelos. Era o recibo da morte que eu levaria à viúva.

## VI

Quando voltei ao Rio de Janeiro, tinham já passado muitos meses do combate da Encruzilhada. O meu nome figurou não só em partes oficiais como em telegramas e correspondências, por mais que eu buscasse evitar os comentários e desaparecer na sombra.

Recebi cartas de felicitações e de perguntas. Não vim logo para o Rio de Janeiro, note-se; podia ter aqui alguma festa; preferi ficar em São Paulo. Um dia, sem ser esperado, meti-me na estrada de ferro e entrei na cidade. Fui para a casa alugada no Catete.

Não procurei logo Maria Cora. Pareceu-me até mais acertado que a notícia da minha vinda lhe chegasse pelos jornais. Não tinha pessoa que lhe falasse; envergonhava-me ir eu mesmo a alguma redação contar o meu regresso do Rio Grande; não era passageiro de navio, cujo nome viesse em lista nos jornais. Passaram dois dias; no terceiro, abrindo uma desses, dei com o meu nome. Dizia-se ali que viera de São Paulo e estivera nas lutas do Rio Grande, citavam-se os combates, tudo com adjetivos de louvor; enfim, que voltava à mesma pensão do Catete. Como eu só contara alguma coisa ao dono da casa, podia ser ele o autor das notas; disse-me que não.

Comecei a receber visitas pessoais. Todas queriam saber tudo; eu disse pouco mais que nada.

Entre os cartões, recebi dois de Maria Cora e da tia, com palavras de boas-vindas. Não era preciso mais; restava-me ir agradecer-lhes, e dispus-me a isso; mas, no próprio dia em que resolvi ir ao Engenho Velho, tive uma sensação de... De quê? Expliquem, se podem, o acanhamento que me deu a lembrança do marido de Maria Cora, morto às minha mãos. A sensação que

ia ter diante dela me embarçou inteiramente. Sabendo-se qual foi o motivo principal da minha ação militar, mal se compreende aquela hesitação; mas, se considerares que, por mais que me defendesse do marido e o matasse para não morrer, ele era sempre o marido, terás entendido o mal-estar que me fez adiar a visita. Afinal, tomei coragem e fui à casa dela.

Maria Cora estava de luto. Recebeu-me com bondade e me repetiu, como a tia, as felicitações escritas. Falamos da guerra civil, dos costumes do Rio Grande, um pouco de política e mais nada. Nada se disse de João da Fonseca. Ao sair de lá, perguntei a mim mesmo se Maria Cora estaria disposta a casar comigo.

“Não me parece que recuse, embora não lhe ache maneiras especiais. Creio até que está menos amável que antes... Terá mudado?”

Pensei assim, vagamente. Atribuí a alteração ao estado moral da viuvez; era natural. E continuei a visitá-la, disposto a deixar passar a primeira fase do luto para lhe pedir formalmente a mão. Não tinha que fazer declarações novas; ela sabia tudo. Continuou a me receber bem. Nenhuma pergunta me fez sobre o marido, a tia também não, e da própria revolução não se falou mais. Pela minha parte, tornando à situação anterior, busquei não perder tempo, fiz-me pretendente com todas as maneiras do ofício. Um dia, perguntei-lhe se pensava em tornar ao Rio Grande.

— Por ora, não.

— Mas irá?

— É possível; não tenho plano nem prazo marcado; é possível.

Eu, depois de algum silêncio, durante o qual olhava interrogativamente para ela, acabei por perguntar se antes de ir, caso fosse, não alteraria nada em sua vida.

— A minha vida está tão alterada...

Não me entendera, foi o que achei. Tratei de me explicar melhor e escrevi uma carta em que lhe lembrava a entrega e a recusa da primeira e lhe pedia francamente a mão. Entreguei a carta, dois dias depois, com estas palavras:

— Desta vez não recusará ler.

Não recusou, aceitou a carta. Foi à saída, à porta da sala. Creio até que vi certa comoção de bons presságios. Não me

respondeu por escrito, como esperei. Passados três dias, estava tão ansioso que resolvi ir ao Engenho Velho. No caminho imaginei tudo; que me recusasse, que me aceitasse, que me adiasse, e já me contentava com a última hipótese, se não houvesse de ser a segunda. Não a achei em casa; tinha ido passar alguns dias na Tijuca. Saí de lá aborrecido.

Pareceu-me que não queria absolutamente casar; mas então era mais simples dizê-lo ou escrevê-lo.

Esta consideração me trouxe esperanças novas. Tinha ainda presentes as palavras que me dissera, quando me devolveu a primeira carta, e eu lhe falei da minha paixão: "Suponha que eu o amo; nem por isso deixo de ser uma senhora casada". Era claro que então gostava de mim, e agora mesmo não havia razão decisiva para crer o contrário, embora a aparência fosse um tanto fria. Ultimamente, comecei a crer que ainda gostava, um pouco por vaidade, um pouco por simpatia, e não sei se por gratidão também; tive alguns vestígios disso. Apesar disso, não me deu resposta à segunda carta. Ao voltar da Tijuca, vinha menos amável, talvez mais triste. Tive eu mesmo de lhe falar na matéria; a resposta foi que, por ora, estava disposta a não casar.

— Mas um dia...?, perguntei depois de algum silêncio.

— Estarei velha.

— Mas então... será muito tarde?

— Meu marido pode não estar morto.

Espantou-me este argumento.

— Mas a senhora está de luto.

— Tal foi a notícia que li e me deram; pode não ser verdadeira. Tenho visto desmentir outras que se acreditavam certas.

— Quer certeza absoluta?, perguntei. Eu posso dá-la.

Maria Cora empalideceu. Certeza. Certeza de quê? Queria que lhe contasse tudo, mas tudo.

A situação era tão penosa para mim que não hesitei mais e, depois de lhe dizer que era intenção minha não lhe contar nada, como não contara a ninguém, ia fazê-lo unicamente para obedecer à intimação. E falei do combate, as suas fases todas, os riscos, as palavras, finalmente a morte de João da Fonseca. A ânsia com que me ouviu foi grande, e não menor o abatimento final. Ainda assim, dominou-se, e perguntou-me:

— Jura que não está me enganando?



— Para que a enganar? O que tenho feito é bastante para provar que sou sincero. Amanhã, trago-lhe outra prova, se é preciso mais alguma.

Levei-lhe os cabelos que cortara do cadáver. Contei-lhe — e confesso que o meu fim foi irritá-la contra a memória do defunto —, contei-lhe o desespero da Prazeres. Descrevi essa mulher e as suas lágrimas. Maria Cora ouviu-me com os olhos grandes e perdidos; estava ainda com ciúmes. Quando lhe mostrei os cabelos do marido, atirou-se neles, recebeu-os, beijou-os, chorando, chorando, chorando... Entendi que era melhor sair e sair para sempre. Dias depois recebi a resposta à minha carta; recusava casar.

Na resposta havia uma palavra que é a única razão de escrever esta narrativa: “Compreende que eu não podia aceitar a mão do homem que, embora lealmente, matou meu marido?”.

Comparei-a àquela outra que me dissera antes, quando eu tinha proposto sair a combate, matá-lo e voltar: “Não creio que ninguém me ame com tal força”. E foi essa palavra que me levou à guerra.

Maria Cora vive agora isolada; de costume manda celebrar uma missa pela alma do marido, no aniversário do combate da Encruzilhada. Nunca mais a vi; e, coisa menos difícil, nunca mais esqueci de dar corda ao relógio.

## Marcha fúnebre

O deputado Cordovil não podia pregar os olhos numa noite de agosto de 186... Viera cedo do Cassino Fluminense, depois da saída do imperador, e durante o baile não tivera o mínimo incômodo moral nem físico. Ao contrário, a noite foi excelente, tão excelente que um inimigo seu, que sofria do coração, faleceu antes das dez horas, e a notícia chegou ao Cassino pouco depois das onze.

Naturalmente conclui-se que ele ficou alegre com a morte do homem, espécie de vingança que os corações infelizes e fracos tomam em falta de outra. Digo-te que concluis mal; não foi alegria, foi desabafo. A morte vinha de meses, era daquelas que não acabam mais, e moem, mordem, comem, trituram a pobre criatura humana. Cordovil sabia dos sofrimentos do adversário. Alguns amigos, para consolá-lo de antigas mágoas, iam contar-lhe o que viam ou sabiam do doente, pregado a uma cadeira de braços, vivendo as noites horrivelmente, sem que o amanhecer lhe trouxesse esperanças, nem as tardes desilusões. Cordovil pagava-lhes com alguma palavra de compaixão, que o mensageiro adotava e repetia, e era mais sincera naquele que neste. Enfim acabara de morrer; daí o desabafo.

Este sentimento se pegava com a piedade humana. Cordovil, salvo na política, não gostava do mal alheio. Quando rezava, ao levantar da cama: “Padre Nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade,

assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; perdoa as nossas dívidas, como nós perdoamos aos nossos devedores...” não imitava um de seus amigos que rezava a mesma prece sem todavia perdoar os devedores, como dizia de língua; esse chegava a cobrar além do que eles lhe deviam, isto é, se ouvia maldizer de alguém, decorava tudo e mais alguma coisa e ia repeti-lo em outra parte. No dia seguinte, porém, a bela oração de Jesus tornava a sair dos lábios com a mesma caridade.

Cordovil não ia nas águas desse amigo; perdoava bastante. Que entrasse no perdão um tantinho de preguiça, é possível, sem aliás ser evidente. Preguiça amamenta muita virtude.

Sempre é bom diminuir a força de ação do mal. Não esqueça que o deputado só gostava do mal alheio na política, e o inimigo morto era inimigo pessoal. Quanto à causa da inimizade, eu não sei, e o nome do homem acabou com a vida.

— Coitado! Descansou, disse Cordovil.

Conversaram da longa doença do finado. Também falaram das várias mortes deste mundo, dizendo Cordovil que a todas preferia a de César, não por causa do ferro, mas por ter sido inesperada e rápida.

— Tu *quoque*<sup>8</sup>?, perguntou-lhe um colega rindo.

Ao que ele, continuando a referência, respondeu:

— Eu, se tivesse um filho, queria morrer pelas mãos dele. O parricídio<sup>9</sup>, sendo fora do comum, faria a tragédia mais trágica.

Tudo foi assim alegre. Cordovil saiu do baile com sono e foi cochilando no carro, apesar do mau calçamento das ruas. Perto de casa, sentiu parar o carro e ouviu rumor de vozes. Era o caso de um defunto, que dois policiais estavam levantando do chão.

— Assassinado?, perguntou ele ao criado, que descera para saber o que era.

— Não sei, não, senhor.

— Pergunta o que é.

— Este moço sabe como foi, disse o criado, indicando um desconhecido, que falava a outros.

---

<sup>8</sup>Referência à morte do general romano Júlio César, morto no Senado. A primeira punhalada foi dada por seu filho adotivo Brutus, a quem César perguntou: “Até tu, Brutus?” (“*Quoque tu, Brutus?*”).

<sup>9</sup>Assassinato do pai ou da mãe.

O moço aproximou-se da porta do carro, antes que o deputado recusasse ouvi-lo. Narrou-lhe então em poucas palavras o acidente a que assistira.

— Vínhamos andando, ele adiante, eu atrás. Parece que assobiava uma música. Atravessando a rua para o lado do Mangue, vi que parou, de modo que torceu o corpo, não sei bem, e caiu sem sentidos. Um doutor, que chegou logo, descendo de um sobradinho, examinou o homem e disse que “morreu de repente”. Foi-se juntando gente, a patrulha levou muito tempo para chegar. Agora pegou nele. Quer ver o defunto?

— Não, obrigado. Já se pode passar?

— Pode.

— Obrigado. Vamos, Domingos.

Domingos subiu e o carro seguiu até a Rua de São Cristóvão, onde morava Cordovil.

Antes de chegar à casa, Cordovil foi pensando na morte do desconhecido. Em si mesma, era boa; comparada à do inimigo pessoal, excelente. Ia assobiando, pensando sabe Deus em que delícia passada ou em que esperança futura; revivia o que vivera, ou previa o que podia viver, quando a morte pegou da delícia ou da esperança, e lá se foi o homem ao eterno repouso.

Morreu sem dor, ou, se alguma teve, foi acaso brevíssima, como um relâmpago que deixa a escuridão mais escura.

Então pensou melhor no caso. Se tivesse acontecido no Cassino a morte do Aterrado? Não seria dançando; os seus quarenta anos não dançavam. Podia até dizer que ele só dançou até os vinte.

Não era dado a moças, tivera um afeto único na vida — aos vinte e cinco anos, casou e enviuvou cinco semanas depois, para não casar mais. Não é que lhe faltassem noivas — principalmente depois de perder o avô, que lhe deixou duas fazendas. Vendeu-as ambas e passou a viver sozinho, fez duas viagens à Europa, continuou na política e na sociedade. Ultimamente parecia enjoado de uma e de outra, mas não tendo com que matar o tempo, não abriu mão delas.

Chegou a ser ministro uma vez, creio que da Marinha, não passou de sete meses. Nem o cargo lhe deu glória, nem a demissão desgosto. Não era ambicioso, e mais puxava para a quietação que para o movimento.

Mas, se tivesse lhe sucedido morrer de repente no Cassino, em uma valsa ou quadrilha, entre duas portas? Podia acontecer muito bem. Cordovil imaginou a cena, ele caído de braços ou de costas, o prazer acabado, a dança interrompida... e dali podia ser que não; um pouco de espanto apenas, outro de susto, os homens animando as damas, a orquestra continuando por instantes o compasso e a confusão. Não faltariam braços que o levassem para um gabinete, já morto, totalmente morto.

— Tal qual a morte de César, ia dizendo consigo.

E logo emendou:

— Não, melhor que ela; sem ameaça, nem armas, nem sangue, uma simples queda e o fim.

Não sentiria nada.

Cordovil percebeu-se rindo ou sorrindo, alguma coisa que afastava o terror e deixava a sensação da liberdade. Em verdade, antes a morte assim que após longos dias ou longos meses e anos, como o adversário que perdera algumas horas antes. Nem era morrer; era um gesto de chapéu, que se perdia no ar com a própria mão e a alma que lhe dera movimento. Um cochilo e o sono eterno. Achava-lhe um só defeito — a forma. Essa morte no meio de um baile defronte do imperador, ao som de Strauss, contada, pintada, enfeitada nos jornais, essa morte pareceria de encomenda. Paciência, uma vez que fosse repentina.

Também pensou que podia ser na Câmara, no dia seguinte, no começo do debate do orçamento. Tinha a palavra; já andava cheio de algarismos e citações. Não quis imaginar o caso, não valia a pena; mas o caso teimou e apareceu por ele mesmo. O salão da Câmara, em vez o do Cassino, sem damas ou com poucas, nas tribunas. Vasto silêncio. Cordovil em pé começaria o discurso, depois de circular os olhos pela casa, fitar o ministro e fitar o presidente: “Não se aborreça a Câmara pelo fato de eu lhe tomar algum tempo, serei breve, buscarei ser justo...”. Aqui uma nuvem lhe taparia os olhos, a língua pararia, o coração também, e ele cairia de golpe no chão. Câmara, galerias, tribunas ficariam assombradas. Muitos deputados correriam para erguê-lo; um, que era médico, verificaria a morte; não diria que fora de repente, como o do sobradinho do Aterrado, mas por outro estilo mais técnico. Os trabalhos seriam suspensos, depois

de algumas palavras do presidente e escolha da comissão que acompanharia o finado ao cemitério...

Cordovil quis rir da circunstância de imaginar, além da morte, o movimento e o enterro, as próprias notícias dos jornais, que ele leu de cor e depressa. Quis rir, mas preferia cochilar; os olhos é que, estando já perto de casa e da cama, não quiseram desperdiçar o sono, e ficaram arregalados.

Então a morte, que ele imaginara pudesse ter sido no baile, antes de sair, ou no dia seguinte em plena sessão da Câmara, apareceu ali mesmo no carro. Acreditou ele que, ao abrirem a portinhola, dessem com o seu cadáver. Sairia assim de uma noite barulhenta para outra pacífica, sem conversas, nem danças, nem encontros, sem espécie alguma de luta ou resistência. O tremor que teve fez-lhe ver que não era verdade. Efetivamente, o carro entrou na chácara, parou, e Domingos saltou para vir abrir-lhe a porta. Cordovil desceu com as pernas e a alma vivas e entrou pela porta lateral, onde o aguardava com um castiçal e vela acesa o escravo Florindo. Subiu a escada, e os pés sentiam que os degraus eram deste mundo; se fossem do outro, desceriam naturalmente. Em cima, ao entrar no quarto, olhou para a cama; era a mesma dos sonos quietos e demorados.

— Veio alguém?

— Não, senhor, respondeu o escravo distraído, mas corrigiu logo: Veio, sim, senhor; veio aquele doutor que almoçou com o senhor domingo passado.

— Queria alguma coisa?

— Disse que vinha dar ao senhor uma boa notícia, e deixou este bilhete — que eu botei ao pé da cama.

O bilhete referia a morte do inimigo; era através de um dos amigos que costumavam contar-lhe a marcha da moléstia. Quis ser o primeiro a anunciar o fato, um alegrão, com um abraço apertado. Enfim, morrerá o canalha. Não disse a coisa assim por esses termos claros, mas os que empregou davam no mesmo, somando que não atribuiu esse único objeto à visita. Vinha passar a noite; só ali soube que Cordovil fora ao Cassino. Ia sair, quando lhe lembrou a morte e pediu ao Florindo que lhe deixasse escrever duas linhas. Cordovil entendeu o significado, e ainda uma vez lhe doeu a agonia do outro. Fez um gesto de melancolia e exclamou a meia voz:

— Coitado! Vivam as mortes súbitas!

Florindo, se dissesse o gesto e a frase ao doutor do bilhete, talvez o fizesse perder o sono. Nem pensou nisso; ajudou o senhor a preparar-se para dormir, ouviu as últimas ordens e despediu-se. Cordovil deitou-se.

— Ah!, suspirou ele estirando o corpo cansado.

Teve então uma **ideia**, a de amanhecer morto. Essa hipótese, a melhor de todas, porque o apanharia meio morto, trouxe consigo mil fantasias que lhe arredaram o sono dos olhos. Em parte, era a repetição das outras, a participação à Câmara, as palavras do presidente, comissão para o enterro e o resto. Ouviu lamentações de amigos e de empregados, viu notícias impressas, todas com elogios ou justas. Chegou a desconfiar que fosse já sonho. Não era. Chamou-se ao quarto, à cama, a si mesmo: estava acordado. A lamparina deu melhor corpo à realidade. Cordovil afastou as **ideias** fúnebres e esperou que as alegres tomassem conta dele e dançassem até cansá-lo. Tentou vencer uma visão com outra. Fez até uma coisa engenhosa, convocou os cinco sentidos, porque a memória de todos eles era viva e recente; foi assim lembrando lances e ações longamente extintos. Gestos, cenas de sociedade e de família, panoramas, repassou muita coisa vista, com o aspecto do tempo diverso e distante. Deixara de comer iguarias que outra vez sentia o gosto, como se estivesse agora a mastigá-las.

Os ouvidos escutavam passos leves e pesados, cantos alegres e tristes, e palavras de todas as naturezas. O tato, o olfato, todos fizeram o seu trabalho, durante um prazo que ele não calculou.

Procurou dormir e fechou bem os olhos. Não pôde, nem do lado direito, nem do esquerdo, de costas nem de bruços. Ergueu-se e foi ao relógio; eram três horas. Sem perceber levou-o à orelha para ver se estava parado; estava funcionando, **dera-lhe** corda. Sim, tinha tempo de dormir um bom sono; deitou-se, cobriu a cabeça para não ver a luz.

Ah!, foi então que o sono tentou entrar, calado e surdo, cheio de cautelas, como seria a morte, se quisesse levá-lo de repente, para nunca mais. Cordovil fechou os olhos com força, e fez mal, porque a força aumentou a vontade que tinha de dormir; procurou afrouxá-los, e fez bem. O sono, que recuava,

tornou atrás e veio estirar-se ao lado deles, passando-lhe aqueles braços leves e pesados, a um tempo, que tiram todo movimento da pessoa. Cordovil os sentia, e com os seus quis aconchegá-los ainda mais... A imagem não é boa, mas não tenho outra à mão nem tempo de ir buscá-la. Digo só o resultado do gesto, que foi afastar o sono de si, tão aborrecido ficou este reformador de cansados.

— Que terá ele hoje contra mim?, perguntaria o sono, se falasse.

Tu sabes que ele é mudo por essência. Quando parece que fala é o sonho que abre a boca da pessoa; ele não, ele é a pedra, e ainda a pedra fala, se lhe batem, como estão fazendo agora os calçadores da minha rua. Cada pancada acorda na pedra um som, e a regularidade do gesto torna aquele som tão pontual que parece a alma de um relógio. Vozes de conversa ou de vendedores, rodas de carro, passos de gente, uma janela batida pelo vento, nada dessas coisas que ora ouço animava então a rua e a noite de Cordovil. Tudo era propício ao sono.

Cordovil ia finalmente dormir, quando a **ideia** de amanhecer morto apareceu outra vez. O sono recuou e fugiu. Esta alternativa durou muito tempo. Sempre que o sono ia grudar-lhe os olhos, a lembrança da morte os abria, até que ele sacudiu o lençol e saiu da cama. Abriu uma janela e encostou-se ao peitoril. O céu queria clarear, alguns vultos iam passando na rua, trabalhadores e mercadores que desciam para o centro da cidade. Cordovil sentiu um arrepio; não sabendo se era frio ou medo, foi vestir um camisão de chita, e voltou para a janela. Parece que era frio, porque não sentia mais nada.

A gente continuava passando; o céu, clareando; um assobio da estrada de ferro deu sinal de trem que ia partir. Homens e coisas vinham do descanso; o céu fazia economia de estrelas, apagando-as à medida que o sol ia chegando para o seu ofício. Tudo dava **ideia** de vida.

Naturalmente a **ideia** da morte foi recuando e desapareceu de todo, enquanto o nosso homem, que suspirou por ela no Cassino, que a desejou para o dia seguinte na Câmara dos Deputados, que a encarou no carro, voltou-lhe as costas quando a viu entrar com o sono, seu irmão mais velho — ou mais moço, não sei.



Quando veio a falecer, muitos anos depois, pediu e teve a morte, não súbita, mas vagarosa, a morte de um vinho filtrado, que sai impuro de uma garrafa para entrar purificado em outra; a borra<sup>10</sup> iria para o cemitério. Agora é que lhe via a filosofia; em ambas as garrafas era sempre o vinho que ia ficando, até passar inteiro e pingado para a segunda. Morte súbita, não entendia o que era.

<sup>10</sup>Substância separada do líquido por meio de filtragem.

# Um capitão de voluntários

Indo embarcar para a Europa, logo depois da proclamação da República, Simão de Castro fez inventário das cartas e rascunhos; rasgou tudo. Só lhe ficou a narração que vais ler; entregou-a a um amigo para imprimi-la quando ele estivesse fora. O amigo não cumpriu a recomendação por achar na história alguma coisa que podia ser penosa, e assim lhe disse em carta. Simão respondeu que estava a favor de tudo o que quisesse; não tendo vaidades literárias, pouco se importava de vir ou não a público. Agora que os dois faleceram, e não há igual escrúpulo, dá-se o manuscrito à impressão.

Éramos dois; elas, duas. Os dois íamos ali por visita, costume, prazer, e finalmente por amizade. Fiquei amigo do dono da casa; ele, meu amigo. As tardes, durante o jantar — jantava-se cedo em 1866 —, ia ali fumar um charuto. O sol ainda entrava pela janela, onde se via um morro com casas em cima. A janela oposta dava para o mar. Não digo a rua nem o bairro; a cidade posso dizer que era o Rio de Janeiro. Ocultarei o nome do meu amigo, ponhamos uma letra, X.

Ela, uma delas, chamava-se Maria.

Quando eu entrava, já ele estava na cadeira de balanço. Os móveis da sala eram poucos; os enfeites, raros, tudo simples. X estendia-me a mão larga e forte; eu ia sentar-me ao pé da janela, olho na sala, olho na rua. Maria ou já estava ou vinha de dentro. Éramos nada um para o outro; ligava-nos unicamente o afeto de X. Conversávamos; eu saía para casa ou ia passear, eles ficavam e iam

dormir. Algumas vezes jogávamos cartas, às noites, e, nos últimos tempos, era ali que eu passava a maior parte destas.

Tudo em X me dominava. A figura primeiro. Ele robusto, eu franzino; a minha graça feminina, frágil, desaparecia ao pé da figura imponente dele, dos seus ombros largos, cadeiras largas, pernas fortes e o pé sólido que, andando, batia duro no chão. **Dá-me** um bigode escasso e fino; vê nele as barbas longas, espessas e encaracoladas, e um dos seus gestos habituais, pensando ou escutando, era passar os dedos por elas, encaracolando-as sempre. Os olhos completavam a figura, não só por serem grandes e belos, mas porque riam mais e melhor que a boca. Depois da figura, a idade; X era homem de quarenta anos, eu não passava dos vinte e quatro. Depois da idade, a vida; ele vivera muito, em outro meio, de onde saíra para se esconder naquela casa, com aquela senhora; eu não vivera nada nem com pessoa alguma. Enfim — e isto é capital —, havia nele uma fibra castelhana, uma gota do sangue que circula nas páginas de Calderon<sup>11</sup>, uma atitude moral que posso comparar, sem depressão nem riso, à do herói de Cervantes<sup>12</sup>.

Como tinham se amado? Datava de longe. Maria contava já vinte e sete anos e parecia haver recebido alguma educação. Ouvei que o primeiro encontro fora em um baile de máscaras, no antigo Teatro Provisório. Ela trajava uma saia curta e dançava ao som de um pandeiro. Tinha os pés admiráveis, e foram eles ou o seu destino a causa do amor de X. Nunca lhe perguntei a origem da aliança; só sei que ela tinha uma filha, que estava no colégio e não vinha à casa; a mãe é que ia vê-la. Verdadeiramente as nossas relações eram respeitadas, e o respeito ia ao ponto de aceitar a situação sem a examinar.

Quando comecei a ir ali, não tinha ainda o emprego no banco. Só dois ou três meses depois é que entrei para este e não interrompi as relações. Maria tocava piano; às vezes, ela e a amiga Raimunda conseguiam arrastar X ao teatro; eu ia com eles. No fim, tomávamos chá em sala particular, e, uma ou outra vez, se havia lua, acabávamos a noite indo de carro a Botafogo.

Barreto, que só mais tarde começou a **frequentar** a casa, não ia a essas festas. Entretanto, era bom companheiro, alegre e conver-

---

<sup>11</sup>Calderon de la Barca, famoso escritor e dramaturgo espanhol do século XVII.

<sup>12</sup>Referência a Dom Quixote de la Mancha.

sador. Uma noite, quando saíamos de lá, encaminhou a conversa para as duas mulheres e convidou-me a namorá-las.

— Tu escolhes uma, Simão; eu, outra.

Estremeci e parei.

— Ou, antes, eu já escolhi, continuou ele, escolhi a Raimunda. Gosto muito da Raimunda. Tu escolhe a outra.

— A Maria?

— Pois que outra seria?

O alvoroço que me deu foi tal que não achei palavra de recusa, nem palavra nem gesto. Tudo me pareceu natural e necessário. Sim, concordei em escolher Maria; era mais velha que eu três anos, mas tinha a idade conveniente para **ensinar-me** a amar. Está dito, Maria.

Partimos para as duas conquistas com ardor e perseverança. Barreto não tinha que vencer muito; a eleita dele não trazia amores, mas até pouco antes sofrera de uns que rompera contra a vontade, indo o amante casar com uma moça de Minas. Depressa se deixou consolar. Barreto, um dia, estando eu a almoçar, veio anunciar-me que recebera uma carta dela e me mostrou.

— Estão entendidos?

— Estamos. E vocês?

— Eu não.

— Então quando?

— Deixa ver; eu te digo.

Naquele dia fiquei meio angustiado. Com efeito, apesar da melhor vontade deste mundo, não me atrevia a dizer a Maria os meus sentimentos. Não ache que era paixão. Não tinha paixão, mas curiosidade. Quando a via elegante e jovial, toda calor e vida, sentia-me tomado de uma força nova e misteriosa; mas, por um lado, não amara nunca, e, por outro, Maria era a companheira de meu amigo. Digo isso não para explicar escrúpulos, mas unicamente para fazer compreender o meu acanhamento. Viviam juntos desde alguns anos, um para o outro. X tinha confiança em mim, confiança absoluta, comunicava-me os seus negócios, contava-me coisas da vida passada. Apesar da diferença da idade, éramos como estudantes do mesmo ano. Como tinha começado a pensar mais constantemente em Maria, é provável que por algum gesto ela houvesse descoberto o meu recente estado. Certo é que, um dia, ao apertar-lhe a mão, senti que os dedos dela se demoravam

mais entre os meus. Dois dias depois, indo aos Correios, encontrei-a selando uma carta para a Bahia. Ainda não disse que era baiana? Era baiana. Ela é que me viu primeiro e me falou. Ajudei-lhe a pôr o selo e nos despedimos. À porta, ia dizer alguma coisa, quando vi ante nós, parada, a figura de X.

— Vim trazer a carta para mamãe, apressou-se ela em dizer.

Despediu-se de nós e foi para casa; ele e eu tomamos outro rumo. X aproveitou a ocasião para fazer muitos elogios a Maria. Sem entrar em detalhes da origem das relações, assegurou-me que fora uma grande paixão igual em ambos e concluiu que tinha a vida feita.

— Já agora não me caso; vivo maritalmente com ela, morrerei com ela. Tenho uma só pena: é ser obrigado a viver separado de minha mãe. Minha mãe sabe, disse-me ele parando. E continuou andando: — Sabe e até já me fez comentários muito vagos e distantes, mas que eu percebi. Sei que não desaprova; sabe que Maria é séria e boa, e, uma vez que eu seja feliz, não exige mais nada. O casamento não me daria mais que isso...

Disse muitas outras coisas, que eu fui ouvindo distraído; o coração batia forte, e as pernas andavam frouxas. Não pensava em resposta adequada; alguma palavra que soltava, saía engasgada. Ao fim de algum tempo, ele notou o meu estado e interpretou-o erradamente; achou que as suas confidências me aborreciam e me disse isso rindo. Contestei sério:

— Ao contrário, ouço com interesse, e trata-se de pessoas de toda a consideração e respeito.

Penso agora que cedia inconscientemente a uma necessidade de hipocrisia. A idade das paixões é confusa, e naquela situação não posso entender bem os sentimentos e suas causas.

Entretanto, não é fora de propósito que buscasse eliminar do ânimo de X qualquer possível desconfiança. A verdade é que ele me ouviu agradecido. Os seus grandes olhos de criança envolveram-me todo, e, quando nos despedimos, apertou-me a mão com energia. Creio até que lhe ouvi dizer: “Obrigado!”

Não me separei dele com medo, nem ferido de remorsos. A primeira impressão da confidência se esfumou, ficou só a confidência, e senti crescer-me o alvoroço da curiosidade. X falara de Maria como de pessoa pura e companheira; nenhuma alusão

às suas belezas físicas, mas a minha idade dispensava qualquer referência direta. Agora, na rua, via de cor a figura da moça, os seus gestos igualmente suaves e robustos, e cada vez me sentia mais fora de mim.

Em casa escrevi-lhe uma carta longa e confusa, que rasguei meia hora depois, e fui jantar. Sobre o jantar fui à casa de X. Eram ave-marias<sup>13</sup>. Ele estava na cadeira de balanço, eu me sentei no lugar de costume, olho na sala, olho no morro. Maria apareceu tarde e tão triste que não tomou parte na conversa. Sentou-se e cochilou; depois tocou um pouco de piano e saiu da sala.

— Maria acordou hoje com a mania de colher donativos para a guerra, disse-me ele. Já lhe fiz notar que nem todos vão querer parecer que... Você sabe... A posição dela... Felizmente, a **ideia** vai passar; tem dessas fantasias...

— E por que não?

— Ora, porque não! E depois, a guerra do Paraguai, não digo que não seja como todas as guerras, mas, palavra não me entusiasma. A princípio, sim, quando o López tomou o Marquês de Olinda, fiquei indignado; logo depois perdi a impressão, e agora, francamente, acho que tínhamos feito muito melhor se nos aliássemos ao López contra os argentinos.

— Eu não. Prefiro os argentinos.

— Também gosto deles, mas, no interesse da nossa gente, era melhor ficar com o López.

— Não; olhe, eu quase alistei-me como voluntário da pátria.

— Eu, nem que me fizessem coronel, não me alistava.

Ele disse não sei que mais. Eu, como tinha a orelha afiada, à escuta dos pés de Maria, não respondi logo, nem claro, nem seguido; fui enrolando alguma palavra e sempre à escuta. Mas o diabo da moça não vinha; imaginei que estavam zangados. Enfim, propus cartas, podíamos jogar uma partida.

— Podemos, disse ele.

Passamos ao gabinete. X pôs as cartas na mesa e foi chamar a amiga. Dali ouvi algumas frases sussurradas, mas só estas me chegaram claras:

— Vem! É só meia hora.

— Que chatice! Estou doente.

<sup>13</sup>18 horas.

Maria apareceu no gabinete, bocejando. Disse-me que era só meia hora; tinha dormido mal, sua cabeça doía e pretendia deitar-se cedo. Sentou-se entediada, e começamos a partida. Eu me arrependia de haver rasgado a carta; lembrava-me alguns trechos dela, que diriam bem o meu estado, com o calor necessário a convencê-la. Se a tivesse conservado, entregava-lhe agora; ela ia muitas vezes ao patamar da escada despedir-se de mim e fechar a porta. Nessa ocasião podia dar-lhe; era uma solução da minha crise.

Ao fim de alguns minutos, X levantou-se para ir buscar cigarros em uma caixa de folha de flandres, posta sobre a secretária. Maria fez então um gesto que não sei como diga nem pinte. Ergueu as cartas à altura dos olhos para tapá-los, voltou-os para mim que ficava à sua esquerda, e arregalou-os tanto e com tal fogo e atração que não sei como não entrei por eles. Tudo foi rápido. Quando ele voltou com um cigarro, Maria tinha as cartas embaixo dos olhos, abertas em leque, fitando-as como se calculasse. Eu devia estar trêmulo; ainda assim, calculava também, com a diferença de não poder falar. Ela disse então com calma uma das palavras do jogo, passo ou licença.

Jogamos cerca de uma hora. Maria, para o fim, cochilava literalmente, e foi o próprio X que lhe disse que era melhor ir descansar. Despedi-me e passei ao corredor, onde tinha o chapéu e a bengala. Maria, à porta da sala, esperava que eu saísse e acompanhou-me até o portão, para fechá-lo. Antes que eu descesse, lançou-me um dos braços ao pescoço, chegou perto de mim, colou meus lábios nos seus; eles me depositaram um beijo grande, rápido e surdo. Na mão senti alguma coisa.

— Boa-noite, disse Maria fechando a porta.

Não sei como não caí. Desci atordoado, com o beijo na boca, os olhos nos dela, e a mão apertando instintivamente um objeto. Tratei de ir para longe. Na primeira rua, corri a um poste, para ver o que trazia. Era um cartão de loja de fazendas, um anúncio, com isto escrito nas costas, a lápis: “Espere-me amanhã, na ponte das barcas de Niterói, à uma hora da tarde”.

O meu alvoroço foi tamanho que durante os primeiros minutos não soube absolutamente o que fiz. Na verdade, as emoções eram muito grandes e numerosas, e tão de perto se seguiam que eu mal podia saber de mim. Andei até o Largo de São Francisco de Paula. Tornei a ler o cartão; segui caminho, novamente parei, e



uma patrulha que estava perto talvez desconfiou dos meus gestos. Felizmente, mesmo com comoção, tinha fome e fui cear no Hotel dos Príncipes. Não dormi antes da madrugada; às seis horas estava em pé. A manhã foi lenta como as agonias lentas. Dez minutos antes de uma hora cheguei à ponte; já lá achei Maria, envolvida numa capa e com um véu azul no rosto. Ia sair uma barca, entramos nela. O mar acolheu-nos bem. A hora era de poucos passageiros. Havia movimento de lanchas, de aves, e o céu luminoso parecia cantar a nossa primeira entrevista. O que dissemos foi tão atropelado e confuso que não me ficou mais de meia dúzia de palavras, e delas nenhuma foi o nome de X ou qualquer referência a ele. Sentíamos ambos que traíamos eu o meu amigo, ela o seu amigo e protetor. Mas, ainda que o não sentíssemos, não é provável que falássemos dele, tão pouco era o tempo para o nosso infinito. Maria apareceu-me então como nunca a vi nem suspeitara, falando de mim e de si, com a ternura possível naquele lugar público, mas toda a ternura possível, não menos. As nossas mãos colavam-se, os nossos olhos comiam-se e os corações batiam provavelmente ao mesmo compasso rápido e rápido. Pelo menos foi a sensação com que me separei dela, após a viagem a Niterói e São Domingos. Convidei-a para desembarcar em ambos os pontos, mas recusou; na volta, sugeri-lhe que nos metêssemos numa carruagem fechada: “Que ideia faria de mim?”, perguntou-me com gesto de pudor que a transfigurou. E despedimo-nos com prazo dado, jurando-lhe que eu não deixaria de ir vê-los, à noite, como de costume.

Como eu não peguei o lápis para narrar a minha felicidade, deixo a parte deliciosa da aventura, com os seus encontros, cartas e palavras, e mais os sonhos e esperanças, as infinitas saudades e os renovados desejos. Tais aventuras são como os almanaques, que, com todas as suas mudanças, trazem os mesmos dias e meses, com os seus eternos nomes e santos. O nosso almanaque apenas durou um trimestre, sem quartos minguantes nem **pores de sol**. Maria era um modelo de fineza, toda vida, toda movimento. Era baiana, como disse, fora educada no Rio Grande do Sul, na campanha, perto da fronteira. Quando lhe falei do seu primeiro encontro com X no Teatro Provisório, dançando ao som de um pandeiro, disse-me que era verdade, fora ali vestida à espanhola e de máscara; e, como eu lhe pedisse a mesma coisa, menos a máscara, ou uma simples dança nossa, respondeu-me como quem recusa um perigo:

— Você poderia ficar doido.

— Mas X não ficou doido.

— Ainda hoje não está no seu juízo, replicou Maria rindo. Imagina que eu fazia só isto...

E, em pé, num gesto rápido, deu uma volta ao corpo, que me fez ferver o sangue.

O trimestre acabou depressa, como os trimestres daquele tipo. Maria faltou um dia ao encontro. Era tão pontual que fiquei tonto quando vi passar a hora. Cinco, dez, quinze minutos; depois vinte, depois trinta, depois quarenta... Não digo as vezes que andei de um lado para outro, na sala, no corredor, espreitando e escutando, até que passou de toda a possibilidade de vir. Pouco a notícia do meu desespero, o tempo que rolei no chão, falando, gritando ou chorando. Quando cansei, escrevi-lhe uma longa carta; esperei que me escrevesse também, explicando a falta. Não mandei a carta e à noite fui à casa deles.

Maria pôde me explicar a falta pelo medo de ser vista e acompanhada por alguém que a perseguia desde algum tempo. Com efeito, já haviam me falado em não sei que vizinho que a paquerava com insistência; uma vez me disse que ele a seguira até a porta da minha casa. Acreditei na razão e propus-lhe outro lugar de encontro, mas não lhe pareceu conveniente. Desta vez achou melhor suspendermos os nossos encontros, até calar as suspeitas. Não sairia de casa.

Não compreendi então que a principal verdade era ter acabado nela o ardor dos primeiros dias.

Maria era outra, principalmente outra. E não podes imaginar o que vinha a ser essa bela criatura, que tinha em si o fogo e o gelo e era mais quente e mais fria que ninguém.

Quando tive a convicção de que tudo estava acabado, resolvi não voltar lá, mas nem por isso perdia a esperança; era para mim questão de esforço. A imaginação, que torna presentes os dias passados, fazia-me crer facilmente na possibilidade de reviver as primeiras semanas. Ao fim de cinco dias, voltei; não podia viver sem ela.

X recebeu-me com o seu grande riso infantil, os olhos puros, a mão forte e sincera; perguntou a razão da minha ausência. Aleguei uma febrezinha e, para explicar o aborrecimento que eu não podia vencer, disse que ainda me doía a cabeça. Maria compreendeu tudo;

nem por isso se mostrou meiga ou simpática, e, à minha saída, não foi até o corredor, como de costume.

Tudo isso dobrou a minha angústia. A **ideia** de morrer começou a passar pela minha cabeça; e, por uma simetria romântica, pensei em me meter na barca de Niterói, que primeiro acolheu os nossos amores, e, no meio da baía, atirar-me ao mar. Não iniciei tal plano nem outro. Tendo encontrado por acaso o meu amigo Barreto, não vacilei em lhe dizer tudo; precisava mesmo de alguém para falar comigo. No fim pedi-lhe segredo; devia pedir-lhe especialmente que não contasse nada a Raimunda. Nessa mesma noite ela soube tudo. Raimunda era um espírito aventureiro, amigo de empreitadas e novidades. Não ligava, talvez, para mim nem para a outra, mas viu naquilo um lance, uma ocupação, e cuidou de reconciliar-nos; foi o que eu soube depois, e é o que dá lugar a este papel.

Falou-lhe uma e mais vezes. Maria quis negar no começo, acabou confessando tudo, dizendo-se arrependida da cabeçada que dera. Usaria provavelmente rodeios e sinônimos, frases vagas e pouco claras, alguma vez empregaria só gestos. O texto que aí fica é o da própria Raimunda, que me mandou chamar à casa dela e me relatou todos os seus esforços, contente de si mesma.

— Mas não perca as esperanças, concluiu; eu disse-lhe que o senhor era capaz de matar-se.

— E sou.

— Pois não se mate por ora; espere.

No dia seguinte vi nos jornais uma lista de cidadãos que, na véspera, tinham ido ao quartel general apresentar-se como voluntários da pátria, e nela o nome de X, com o posto de capitão.

Não acreditei logo; mas eram os mesmos, na mesma ordem, e uma das folhas fazia referências à família de X, ao pai, que fora oficial de marinha, e à figura elegante e forte do novo capitão; era ele mesmo.

A minha primeira impressão foi de prazer; íamos ficar sós. Ela não iria de vendedora ambulante para o sul. Depois, lembrei-me do que ele me disse acerca da guerra, e achei estranho o seu alistamento de voluntário, ainda que o amor dos atos generosos e a nota cavalheiresca do espírito de X pudessem explicá-lo. Nem de coronel iria, disse-me, e agora aceitava o posto de capitão.

Enfim, Maria; como é que ele, que tanto lhe queria, ia separar-se dela de repente, sem paixão forte que o levasse à guerra?

Havia três semanas que eu não ia à casa deles. A notícia do alistamento justificava a minha visita imediata e dispensava-me de explicações. Almocei e fui. Ajeitei meu rosto à situação e entrei. X veio à sala, depois de alguns minutos de espera. A cara era o contrário das palavras; estas queriam ser alegres e leves, aquela era fechada e tristonha, além de pálida. Estendeu-me a mão, dizendo:

— Então, vem ver o capitão de voluntários?

— Venho ouvi-lo desmentir.

— Que desmentir! É pura verdade. Não sei como foi isto, creio que as últimas notícias... Você, por que não vem comigo?

— Mas então é verdade?

— É.

Após alguns instantes de silêncio, meio sincero, por não saber realmente que dissesse, meio calculado, para convencê-lo do meu abatimento, murmurei que era melhor não ir, e falei-lhe na mãe. X respondeu-me que a mãe aprovava; era viúva de militar. Fazia esforços para sorrir, mas a cara continuava a ser de pedra. Os olhos buscavam desviar-se, e geralmente não fitavam bem nem demoradamente. Não conversamos muito; ele ergueu-se, alegando que ia finalizar um negócio, e pediu-me que voltasse a vê-lo. À porta, disse-me com algum esforço:

— Venha jantar um dia destes, antes da minha partida.

— Sim.

— Olhe, venha jantar amanhã.

— Amanhã?

— Ou hoje, se quiser.

— Amanhã.

Quis deixar lembranças a Maria; era natural e necessário, mas faltou-me o ânimo. Embaixo arrependi-me de o não ter feito. Recapitulei a conversação, achei-me acanhado e incerto; ele pareceu-me, além de frio, superior. Vagamente, senti alguma coisa mais. O seu aperto de mão tanto à entrada como à saída não me dera a sensação do costume.

Na noite desse dia, Barreto veio falar comigo, atordoado com a notícia da manhã e perguntando-me o que sabia; disse-lhe que nada. Contei-lhe a minha visita da manhã, a nossa conversação, sem as minhas suspeitas.

— Pode ser engano, disse ele, depois de um instante.

— Engano?

— Raimunda contou-me hoje que falara a Maria, que esta negara tudo no começo, depois confessara e recusara reatar as relações com você.

— Já sei.

— Sim, mas parece que da terceira vez foram ouvidas por ele, que estava na sala. Maria correu em contar a Raimunda que ele mudara inteiramente; esta se dispôs a sondá-lo, eu me opus, até que li a notícia nos jornais. Vi-o na rua, andando: não tinha aquele gesto calmo de costume, mas o passo era forte.

Fiquei aturdido com a notícia, que confirmava a minha impressão. Nem por isso deixei de ir lá jantar no dia seguinte. Barreto quis ir também; percebi que era com o fim único de estar comigo e recusei.

X não dissera nada a Maria; achei-os na sala, e não me lembro de outra situação na vida em que me sentisse mais estranho a mim mesmo. Apertei-lhes a mão, sem olhar para ela. Creio que ela também desviou os olhos. Ele é que, com certeza, não nos observou; riscava um fósforo e acendia um cigarro. Ao jantar falou o mais naturalmente que pôde, ainda que frio. O rosto exprimia maior esforço que na véspera. Para explicar a possível alteração, disse-me que embarcaria no fim da semana e que, à proporção que a hora ia chegando, sentia dificuldade em sair.

— Mas é só até fora da barra; lá fora torno a ser o que sou e, na campanha, serei o que devo ser.

Usava essas palavras rígidas, algumas vezes com ênfase. Notei que Maria trazia os olhos amassados, soube depois que chorara muito e tivera grande luta com ele, na véspera, para que não embarcasse. Só conhecera a resolução pelos jornais, prova de alguma coisa mais particular que o patriotismo. Não falou à mesa, e a dor podia explicar o silêncio, sem nenhuma outra causa de constrangimento pessoal. Ao contrário, X procurava falar muito, contava os batalhões, os oficiais novos, as probabilidades de vitória, e dizia anedotas e boatos, sem cuidar de ligá-los. Às vezes, queria rir; para o fim, disse que naturalmente voltaria general, mas ficou tão carrancudo depois deste gracejo que não tentou outro. O jantar acabou frio; fumamos, ele ainda quis falar da guerra, mas o assunto estava exausto. Antes de sair, convidei-o para ir jantar comigo.

— Não posso; todos os meus dias estão tomados.

— Venha almoçar.



— Também não posso. Faça uma coisa; na volta do Paraguai, o terceiro dia é seu.

Creio ainda hoje que o fim desta última frase era indicar que os dois primeiros dias seriam da mãe e de Maria; assim, qualquer suspeita que eu tivesse dos motivos secretos da resolução devia se dissipar. Isso não bastou; disse-me que escolhesse uma prenda de lembrança, um livro, por exemplo. Prefери o seu último retrato, fotografado a pedido da mãe, com a farda de capitão de voluntários. Por disfarce, quis que assinasse; ele prontamente escreveu: “Ao seu leal amigo Simão de Castro, oferece o capitão de voluntários da pátria X”. O mármore do rosto era mais duro, o olhar mais sombrio; passou os dedos pelo bigode, com um gesto agitado, e despedimo-nos.

No sábado embarcou. Deixou a Maria os recursos necessários para viver aqui, na Bahia, ou no Rio Grande do Sul; ela preferiu o Rio Grande, e partiu para lá, três semanas depois, esperando que ele voltasse da guerra. Não a pude ver antes; fechara-me a porta, como já me havia fechado o rosto e o coração.

Antes de um ano, soube-se que ele morrera em combate, no qual lutou com mais bravura que perícia. Ouvi contar que primeiro perdera um braço, e que provavelmente a vergonha de ficar aleijado o fez atirar-se contra as armas inimigas, como quem queria se acabar de vez. Esta versão podia ser exata, porque ele tinha orgulho das belas formas; mas a causa foi complexa. Também me contaram que Maria, voltando do Rio Grande, morreu em Curitiba; outros dizem que foi acabar em Montevidéu. A filha não passou dos quinze anos.

Eu fiquei aqui entre os meus remorsos e saudades; depois, só remorsos; agora admiração apenas, uma admiração particular, que só é grande por me fazer sentir pequeno. Sim, eu não era capaz de praticar o que ele praticou. Nem efetivamente conheci ninguém que se parecesse com X. E por que teimar nesta letra? Chamemo-lo pelo nome que lhe deram no batismo, Emílio, o meigo, o forte, o simples Emílio.

## Suje-se, gordo!

Uma noite, há muitos anos, eu passeava com um amigo no terraço do Teatro de São Pedro de Alcântara. Era entre o segundo e o terceiro ato da peça *A sentença ou o Tribunal do júri*. Só me ficou o título, e foi justamente o título que nos levou a falar da instituição e de um fato que nunca mais me esqueci.

— Fui sempre contrário ao júri — disse-me aquele amigo — não pela instituição em si, que é liberal, mas porque não me agrada condenar alguém, e por aquele mandamento do Evangelho: “Não queirais julgar, para que não sejais julgados”. Apesar disso, servi duas vezes. O tribunal era então na antiga prisão, fim da Rua dos Ourives, princípio da Ladeira da Conceição.

Tal era a minha hesitação que, salvo dois, absolvi todos os réus. Com efeito, os crimes não me pareceram provados; um ou dois processos eram malfeitos. O primeiro réu que condenei era um moço limpo, acusado de haver furtado certa quantia, não grande, antes pequena, com falsificação de um papel. Não negou o fato, nem podia fazê-lo; contestou que tinha sido dele a iniciativa ou inspiração do crime. Alguém, que não citava, foi que lhe lembrou esse modo de resolver uma necessidade urgente; mas Deus, que via os corações, daria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo. Disse isso sem ênfase, triste, a palavra surda, os olhos mortos, com tal palidez que dava pena; o promotor público achou nesse mesmo gesto a confissão do crime. Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam o lamento da inocência vítima da mentira.

Poucas vezes assisti a debate tão brilhante. O discurso do promotor foi curto, mas forte, indignado, com um tom que parecia ódio, e não era. A defesa, além do talento do advogado, tinha a circunstância de ser a **estreia** dele na tribuna. Parentes, colegas e amigos esperavam o primeiro discurso do rapaz e não perderam na espera. O discurso foi admirável e teria salvo o réu, se ele pudesse ser salvo, mas o crime estava nos olhos. O advogado morreu dois anos depois, em 1865. Quem sabe o que se perdeu nele! Eu, acredite, quando vejo morrer um moço de talento, sinto mais que quando morre um velho... Mas vamos ao que ia contando. Houve réplica do promotor e tréplica do defensor. O presidente do tribunal resumiu os debates, e, lidos os quesitos, foram entregues ao presidente do conselho, que era eu.

Não digo o que se passou na sala secreta; além de ser secreto o que lá se passou, não interessa ao caso particular, que era melhor ficasse também calado, confesso. Contarei depressa; o terceiro ato não demora.

Um dos jurados do conselho, cheio de corpo e ruivo, parecia mais do que ninguém convencido do delito e do **delinquente**. O processo foi examinado, os quesitos lidos, e as respostas dadas (onze votos contra um); só o jurado ruivo estava inquieto. No fim, como os votos assegurassem a condenação, ficou satisfeito, disse que seria um ato de fraqueza, ou coisa pior, caso lhe déssemos a absolvição. Um dos jurados, certamente o que votara pela negativa, disse algumas palavras em defesa do moço. O ruivo — chamava-se Lopes — replicou com aborrecimento:

— Como, senhor? Mas o crime do réu está mais que provado.

— Deixemos de debate, disse eu, e todos concordaram comigo.

— Não estou debatendo, estou defendendo o meu voto, continuou Lopes. O crime está mais que provado. O sujeito nega porque todo réu nega, mas o certo é que ele cometeu a falsidade, e que falsidade! Tudo por uma miséria, duzentos contos! Suje-se gordo! Quer sujar-se? Suje-se gordo!

“Suje-se gordo!” Confesso-lhe que fiquei de boca aberta, não que entendesse a frase, ao contrário, nem a entendi nem a achei limpa, e foi por isso mesmo que fiquei de boca aberta.

Afinal caminhei e bati à porta, abriram-nos, fui à mesa do juiz, dei as respostas do conselho, e o réu saiu condenado. O advogado apelou; se a sentença foi confirmada ou a apelação aceita, não sei; perdi o negócio de vista.

Quando saí do tribunal, vim pensando na frase do Lopes, e me pareceu entendê-la. “Suje-se gordo!” era como se dissesse que o condenado era mais que ladrão, era um ladrão qualquer, um ladrão de nada. Achei esta explicação na esquina da Rua de São Pedro; vinha ainda pela dos Ourives. Cheguei a recuar um pouco, a ver se descobria o Lopes para lhe apertar a mão; nem sombra de Lopes. No dia seguinte, lendo nos jornais os nossos nomes, dei com o nome todo dele; não valia a pena procurá-lo, nem me ficou de cor. Assim são as páginas da vida, como dizia meu filho quando fazia versos, e acrescentava que as páginas vão passando umas sobre outras, esquecidas logo depois de lidas. Rimava assim, mas não me lembro a forma dos versos.

Em prosa disse-me ele, muito tempo depois, que eu não devia faltar ao júri, para o qual acabava de ser designado. Respondi-lhe que não compareceria e citei o mandamento evangélico; ele teimou, dizendo ser um dever de cidadão, um serviço gratuito, que ninguém que se prezasse podia negar ao seu país. Fui e julguei três processos.

Um desses era de um empregado do Banco do Trabalho Honrado, o caixa, acusado de um desvio de dinheiro. Ouvira falar no caso, que os jornais deram sem grande detalhe, e aliás eu lia pouco as notícias de crimes. O acusado apareceu e foi sentar-se no famoso banco dos réus. Era um homem magro e ruivo. Fitei-o bem e estremeci; pareceu-me ver o meu colega daquele julgamento de anos antes. Não poderia reconhecê-lo logo por estar agora magro, mas era a mesma cor dos cabelos e das barbas, o mesmo ar, e por fim a mesma voz e o mesmo nome: Lopes.

— Como se chama?, perguntou o presidente.

— Antônio do Carmo Ribeiro Lopes.

Já não me lembravam os três primeiros nomes, o quarto era o mesmo, e os outros sinais vieram confirmando as lembranças; não demorou reconhecer a pessoa exata daquele dia distante. Digo-lhe aqui com verdade que todas essas circunstâncias me



impediram de acompanhar atentamente o interrogatório, e muitas coisas me escaparam. Quando me dispus a ouvi-lo bem, estava quase no fim. Lopes negava com firmeza tudo o que lhe era perguntado ou respondia de maneira que trazia uma complicação ao processo. Circulava os olhos sem medo nem ansiedade; não sei até se com uma pontinha de riso nos cantos da boca.

Seguiu-se a leitura do processo. Era uma falsidade e um desvio de cento e dez contos. Não lhe digo como se descobriu o crime nem o criminoso por já ser tarde; a orquestra está afinando os instrumentos. O que lhe digo com certeza é que a leitura dos autos me impressionou muito, o inquérito, os documentos, a tentativa de fuga do caixa e uma série de circunstâncias agravantes; por fim o depoimento das testemunhas. Eu ouvia ler ou falar e olhava para o Lopes.

Também ele ouvia, mas com o rosto alto, mirando o escrivão, o presidente, o teto e as pessoas que iam julgá-lo; entre elas eu. Quando olhou para mim não me reconheceu; fitou-me algum tempo e sorriu, como fazia aos outros.

Todos esses gestos do homem serviram à acusação e à defesa, tal como serviram, tempos antes, os gestos contrários do outro acusado. O promotor achou neles a revelação clara do cinismo, o advogado mostrou que só a inocência e a certeza da absolvição podiam trazer aquela paz de espírito.

Enquanto os dois oradores falavam, vim pensando na fatalidade de estar ali, no mesmo banco do outro, este homem que votara a condenação dele, e naturalmente repeti comigo o texto evangélico: “Não queirais julgar, para que não sejais julgados”. Confesso-lhe que mais de uma vez me senti frio. Não é que eu mesmo viesse a cometer algum desvio de dinheiro, mas podia, em ocasião de raiva, matar alguém ou ser acusado falsamente de desvio de dinheiro. Aquele que julgava outrora era agora julgado também.

Ao pé da palavra bíblica lembrou-me de repente a do mesmo Lopes: “Suje-se gordo!” Não imagina o sacudimento que me deu esta lembrança. Evoquei tudo o que contei agora, o discursinho que lhe ouvi na sala secreta, até aquelas palavras: “Suje-se gordo!” Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. “Suje-se gordo!”

Queria dizer que o homem não devia se levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro moedas. Quer sujar-se? Suje-se gordo!

**Ideias** e palavras iam assim rolando na minha cabeça, sem eu dar pelo resumo dos debates que o presidente do tribunal fazia. Tinha acabado, leu os quesitos e recolhemo-nos à sala secreta.

Posso dizer aqui em particular que votei afirmativamente, tão certo me pareceu o desvio dos cento e dez contos. Havia, entre outros documentos, uma carta de Lopes que fazia evidente o crime. Mas parece que nem todos leram com os mesmos olhos que eu. Votaram comigo dois jurados. Nove negaram a criminalidade do Lopes, a sentença de absolvição foi lavrada e lida, e o acusado saiu para a rua. A diferença da votação era tamanha que cheguei a duvidar comigo se teria acertado. Podia ser que não. Agora mesmo sinto uns choques de consciência. Felizmente, se o Lopes não cometeu o crime, não recebeu a pena do meu voto, e esta consideração acaba por me consolar do erro, mas os choques voltam. O melhor de tudo é não julgar ninguém para não vir a ser julgado. Suje-se gordo!, suje-se magro!, suje-se como lhe parecer!, o mais seguro é não julgar ninguém... Acabou a música, vamos para as nossas cadeiras.

## Umas férias

Vieram dizer ao mestre-escola que alguém queria lhe falar.

— Quem é?

— Diz que o senhor não o conhece, respondeu o serviçal.

— Que entre.

Houve um movimento geral de cabeças na direção da porta do corredor, por onde devia entrar a pessoa desconhecida. Éramos não sei quantos meninos na escola. Não demorou a aparecer uma figura rude, pele queimada, cabelos compridos, sem sinal de pente, a roupa amarrotada, não me lembro bem a cor nem o tecido, mas provavelmente era brim pardo. Todos ficaram esperando o que vinha dizer o homem, eu mais que ninguém, porque ele era meu tio, roceiro, morador em Guaratiba. Chamava-se tio Zeca.

Tio Zeca foi ao mestre e falou-lhe baixo. O mestre o fez sentar, olhou para mim e creio que lhe perguntou alguma coisa, porque tio Zeca entrou falando demorado, muito explicativo. O mestre insistiu, ele respondeu, até que o mestre, voltando-se para mim, disse alto:

— Sr. José Martins, pode sair.

A minha sensação de prazer foi tal que venceu a de espanto. Tinha dez anos apenas, gostava de folgar, não gostava de aprender. Um chamado de casa, o próprio tio, irmão de meu pai, que chegara na véspera de Guaratiba, era naturalmente alguma festa, passeio, qualquer coisa.

Corri para buscar o chapéu, meti o livro de leitura no bolso e desci as escadas da escola, um sobradinho da rua do Senado. No corredor beijei a mão a tio Zeca. Na rua fui andando ao pé dele, diminuindo os passos e levantando a cara. Ele não me dizia nada, eu não me atrevia a nenhuma pergunta. Pouco depois chegávamos ao colégio de minha irmã Felícia; disse-me que esperasse, entrou, subiu, desceram, e fomos os três a caminho de casa. A minha alegria agora era maior. Certamente havia festa em casa, pois íamos os dois, ela e eu; íamos na frente, trocando as nossas perguntas e pensamentos. Talvez anos de tio Zeca. Voltei a cara para ele; vinha com os olhos no chão, provavelmente para não cair.

Fomos andando. Felícia era mais velha que eu um ano. Calçava sapato baixo, atado ao peito do pé por duas fitas cruzadas, vindo acabar acima do tornozelo com laço. Eu, botinas de couro, já gastas. As saias dela pegavam com a fita dos sapatos, as minhas calças, largas, caíam sobre o peito do pé; eram de chita. Uma ou outra vez parávamos, ela para admirar as bonecas à porta das lojas, eu para ver, à porta das vendas, algum papagaio que descia e subia pela corrente de ferro amarrada ao seu pé. Geralmente, era meu conhecido, mas papagaio não cansa em tal idade. Tio Zeca é que nos tirava do espetáculo industrial ou natural: “Andem”, dizia ele em voz fraca. E nós andávamos, até que outra curiosidade nos fazia deter o passo. Entretanto, o principal era a festa que nos esperava em casa.

— Não creio que sejam anos de tio Zeca, disse-me Felícia.

— Por quê?

— Parece meio triste.

— Triste, não, parece carrancudo.

— Ou carrancudo. Quem faz anos tem a cara alegre.

— Então serão anos de meu padrinho...

— Ou de minha madrinha...

— Mas por que é que mamãe nos mandou para a escola?

— Talvez não soubesse.

— Acho que vai haver jantar grande...

— Com doce...

— Talvez dancemos.

Fizemos um acordo: podia ser festa, sem aniversário de ninguém. A sorte grande, por exemplo. Ocorreu-me também



que podiam ser eleições. Meu padrinho era candidato a vereador; embora eu não soubesse bem o que era candidatura nem vereação, tanto ouvira falar em vitória próxima que a achei certa e ganha. Não sabia que a eleição era no domingo, e o dia em questão era sexta-feira. Imaginei bandas de música, vivas e palmas, e nós, meninos, pulando, rindo, comendo cocadas.

Talvez houvesse espetáculo à noite; fiquei feito tonto. Tinha ido uma vez ao teatro e voltei dormindo, mas no dia seguinte estava tão contente que morria para voltar lá, já que não havia entendido nada do que ouvira. Vira muita coisa, isso sim, cadeiras ricas, tronos, lanças compridas, cenas que mudavam à vista, passando de uma sala a um bosque, e do bosque a uma rua. Depois, os personagens, todos príncipes. Era assim que chamávamos aos que vestiam calção de seda, sapato de fivela ou botas, espada, capa de veludo, gorra com pluma. Também houve bailado. As bailarinas e os bailarinos falavam com os pés e as mãos, trocando de posição e um sorriso constante na boca. Depois os gritos do público e as palmas...

Já duas vezes escrevi palmas; é que as conhecia bem. Felícia, a quem comuniquei a possibilidade do espetáculo, não me pareceu gostar muito, mas também não recusou nada. Iria ao teatro. E quem sabe se não seria em casa, teatrinho de bonecos? Íamos nesses pensamentos, quando tio Zeca nos disse que esperássemos; tinha parado para conversar com um sujeito.

Paramos, à espera. A **ideia** da festa, qualquer que fosse, continuou a agitar-nos, mais a mim que a ela. Imaginei trinta mil coisas, sem acabar nenhuma, tão atropeladas vinham, e tão confusas que não as diferenciava; pode ser até que se repetissem. Felícia chamou a minha atenção para dois moleques de carapuça encarnada, que passavam carregando canas — o que nos lembrou as noites de Santo Antônio e São João, já idas. Então lhe falei das fogueiras do nosso quintal, das bichas<sup>14</sup> que queimamos, das rodinhas, das pistolas e das danças com outros meninos. Se houvesse agora a mesma coisa... Ah! lembrei-me que era ocasião de colocar na fogueira o livro da escola, e o dela também, com os pontos de costura que estava aprendendo.

— Isso não, disse Felícia.

<sup>14</sup>Tipo de fogo de artifício.

— Eu queimava o meu livro.

— Papai comprava outro.

— Enquanto comprasse, eu ficava brincando em casa; aprender é muito aborrecido.

Nisso estávamos, quando vimos tio Zeca e o desconhecido ao pé de nós. O desconhecido pegou-nos nos queixos e levantou-nos a cara para ele, fitou-nos com seriedade, deixou-nos e despediu-se.

— Nove horas? Lá estarei, disse ele.

— Vamos, disse-nos tio Zeca.

Quis perguntar-lhe quem era aquele homem, e até me pareceu conhecê-lo vagamente. Felícia também. Nenhum de nós tinha certeza da pessoa; mas a promessa de lá estar às nove horas dominou o resto. Era festa, algum baile, conquanto às nove horas costumássemos ir para a cama.

Naturalmente, por exceção, estaríamos acordados. Assim que chegamos a uma poça de lama, peguei da mão de Felícia, e atravessamos de um salto, tão violento que quase meu livro caiu.

Olhei para tio Zeca, para ver o efeito do gesto; vi-o abanar a cabeça com reprovação. Ri, ela sorriu, e fomos pela calçada adiante.

Era o dia dos desconhecidos. Desta vez estavam em burros, e um dos dois era mulher.

Vinham da roça. Tio Zeca foi falar com eles no meio da rua, depois de dizer que esperássemos. Os animais pararam, creio que de si mesmos, por também conhecerem tio Zeca, ideia que Felícia reprovou com o gesto, e que eu defendi rindo. Teria apenas meia convicção; tudo era brincar.

Fosse como fosse, esperamos os dois, examinando o casal de roceiros. Eram ambos magros, a mulher mais que o marido, e também mais moça; ele tinha os cabelos grisalhos. Não ouvimos o que disseram, ele e tio Zeca; vimo-lo, sim, o marido olhar para nós com ar de curiosidade, e falar à mulher, que também nos deitou os olhos, agora com pena ou coisa parecida. Enfim separaram-se, tio Zeca veio ficar conosco e nos dirigimos para casa.

A casa ficava na rua próxima, perto da esquina. Ao dobrarmos esta, vimos os portais da casa forrados de preto — o que nos encheu de espanto. Instintivamente paramos e voltamos a

cabeça para tio Zeca. Este veio a nós, deu a mão a cada um e ia a dizer alguma palavra que lhe ficou na garganta; andou, levando-nos consigo. Quando chegamos, as portas estavam meio fechadas. Não sei se lhes disse que era uma lojinha. Na rua, curiosos. Nas janelas fronteiras e laterais, cabeças aglomeradas. Houve certo reboiço quando chegamos. É natural que eu tivesse a boca aberta, como Felícia. Tio Zeca empurrou uma das meias-portas, entramos os três, ele tornou a fechá-la, meteu-se pelo corredor e fomos à sala de jantar e ao quarto.

Dentro, ao pé da cama, estava minha mãe com a cabeça entre as mãos. Sabendo da nossa chegada, ergueu-se de salto, veio abraçar-nos entre lágrimas, bradando:

— Meus filhos, o pai de vocês morreu!

A comoção foi grande, por mais que a confusão e o vazio entorpecessem a consciência da notícia. Não tive forças para andar, e teria medo de o fazer. Morto como? Morto por quê? Estas duas perguntas, se as coloco aqui, é para dar seguimento à ação; naquele momento não perguntei nada a mim nem a ninguém. Ouvi as palavras de minha mãe, que se repetiam em mim, e os seus soluços que eram grandes. Ela pegou em nós e arrastou-nos para a cama, onde jazia o cadáver do marido; e **fez-nos** beijar-lhe a mão. Tão longe estava eu daquilo que, apesar de tudo, não entendera nada a princípio; a tristeza e o silêncio das pessoas que rodeavam a cama ajudaram a explicar que meu pai morrera de verdade. Não se tratava de um dia santo, com a sua folga e recreio, não era festa, as horas não eram breves ou longas, para a gente aproveitar em casa, longe dos castigos da escola. Que essa queda de um sonho tão bonito fizesse crescer a minha dor de filho não é coisa que possa afirmar ou negar; melhor é calar. O pai ali estava defunto, sem pulos, nem danças, nem risadas, nem bandas de música, coisas todas também defuntas. Se me houvessem dito à saída da escola por que é que iam lá me buscar, é claro que a alegria não teria penetrado o coração, donde era agora expelida à força.

O enterro foi no dia seguinte às nove horas da manhã, e provavelmente lá estava aquele amigo de tio Zeca que despediu na rua, com a promessa de ir às nove horas. Não vi as cerimônias;

<sup>15</sup>Armazém.

alguns vultos, poucos, vestidos de preto, lembro-me que vi. Meu padrinho, dono de um trapiche<sup>15</sup>, estava lá, e a mulher também, que me levou a um quarto dos fundos para me mostrar gravuras. Na ocasião da saída, ouvi os gritos de minha mãe, o rumor dos passos, algumas palavras abafadas de pessoas que pegavam nas alças do caixão, creio eu: — vire de lado; — mais à esquerda; — assim, segure bem... Depois, ao longe, o carro fúnebre andando e os carros atrás dele...

Lá iam meu pai e as férias! Um dia de folga sem folguedo<sup>16</sup>! Não, não foi um dia, mas oito, oito dias de nojo, durante os quais algumas vezes me lembrei do colégio. Minha mãe chorava, cosendo o luto, entre duas visitas de pêsames. Eu também chorava; não via meu pai às horas de costume, não lhe ouvia as palavras à mesa ou ao balcão, nem as carícias que dizia aos pássaros.

Ele era muito amigo de pássaros, e tinha três ou quatro, em gaiolas. Minha mãe vivia calada. Quase que só falava às pessoas de fora. Foi assim que eu soube que meu pai morrera de apoplexia. Ouvi essa notícia muitas vezes; as visitas perguntavam pela causa da morte, e ela falava tudo, a hora, o gesto, a ocasião: tinha ido beber água e enchia um copo, à janela da área. Tudo decorei, de tanto ouvir contar.

Nem por isso os meninos do colégio deixavam de vir espiar para dentro da minha memória. Um deles chegou a perguntar-me quando é que eu voltaria.

— Sábado, meu filho, disse minha mãe, quando lhe repeti a pergunta imaginada; a missa é sexta-feira. Talvez seja melhor voltar na segunda.

— Melhor sábado, emendei.

— Pois sim, concordou.

Não sorria; se pudesse, sorriria de gosto ao ver que eu queria voltar mais cedo à escola. Mas, sabendo que eu não gostava de aprender, como entenderia a situação? Provavelmente, deu-lhe algum sentido superior, conselho do céu ou do marido. Em verdade, eu não brincava, se leres isso com o sentido de rir. Com o de descansar também não cabe, porque minha mãe fazia-me estudar, e, tanto como o estudo, aborrecia-me a atitude. Obrigado a estar sentado, com o livro nas mãos, a um canto ou

---

<sup>16</sup>Brincadeira.

à mesa, mandava ao diabo o livro, a mesa e a cadeira. Usava um recurso que recomendo aos preguiçosos: deixava os olhos na página e abria a porta para a imaginação. Apanhava o pavio dos foguetes<sup>17</sup>, ouvindo os realejos<sup>18</sup>, bailando com meninas, cantando, rindo, fugindo de mentira ou de brincadeira, como for mais claro.

Uma vez, percebendo que eu andava na sala sem ler, minha mãe me repreendeu, e eu respondi que estava pensando em meu pai. A explicação a fez chorar, e, para dizer tudo, não era totalmente mentira; tinha me lembrado o último presentinho que ele me dera, e comecei a vê-lo com o presente na mão.

Felícia vivia tão triste como eu, mas confesso a minha verdade, a causa principal não era a mesma. Gostava de brincar, mas não sentia a ausência da brincadeira, não gostava de acompanhar a mãe, coser com ela, e uma vez fui achá-la enxugando-lhe os olhos. Meio sem jeito, pensei em imitá-la, e meti a mão no bolso para tirar o lenço, saiu sem pesar. Creio que ao gesto não faltava só originalidade, mas sinceridade também.

Não me censurem. Fui sincero longos dias calados e isolados. Quis uma vez ir para a lojinha, que se abriu depois do enterro e onde o atendente continuou a servir. Conversaria com este, assistiria à venda de linhas e agulhas, à medição de fitas, iria à porta, à calçada, à esquina da rua... Minha mãe sufocou este sonho pouco depois dele nascer. Mal chegara ao balcão, mandou-me buscar a escrava; lá fui para o interior da casa e para o estudo. Puxei os cabelos, apertei os dedos como quem quer dar murro; não me lembro se chorei de raiva.

O livro lembrou-me a escola, e a imagem da escola consolou-me. Já então lhe tinha grandes saudades. Via de longe as caras dos meninos, os nossos gestos de gozação nos bancos e os saltos à saída. Senti cair-me na cara uma daquelas bolinhas de papel com que despertávamos uns aos outros, fiz a minha e atirei-a ao meu suposto despertador. A bolinha, como acontecia às vezes, foi cair na cabeça de um terceiro, que se vingou depressa. Alguns, mais tímidos, limitavam-se a fazer caretas.

---

<sup>17</sup>Engenho que consiste em um tubo de papelão carregado com pólvora.

<sup>18</sup>Instrumento mecânico movido a manivela.

Não era brincadeira de verdade, mas já me valia por ela. Aquele afastamento que eu deixei tão alegremente com tio Zeca me parecia agora um céu distante, e tinha medo de o perder.

Nenhuma festa em casa, poucas palavras, raro movimento. Foi por esse tempo que eu desenhei a lápis maior número de gatos nas margens do livro de leitura; gatos e porcos. Não alegrava, mas distraía.

A missa do sétimo dia devolveu-me à rua; no sábado não fui à escola, fui à casa de meu padrinho, onde pude falar um pouco mais, e no domingo estive à porta da loja. Não era alegria completa. A total alegria foi segunda-feira, na escola. Entrei vestido de preto, fui mirado com curiosidade, mas tão diferente pelos meus amigos que me esqueci das férias sem gosto e achei uma grande alegria sem férias.

## Evolução

Chamo-me Inácio; ele, Benedito. Não digo o resto dos nossos nomes por um sentimento de educação, que toda gente discreta apreciará. Inácio basta. Contentem-se com Benedito. Não é muito, mas é alguma coisa, e está com a filosofia de Julieta<sup>19</sup>: “Que valem nomes”, perguntava ela ao namorado. “A rosa, como quer que se lhe chame, terá sempre o mesmo cheiro.” Vamos ao cheiro do Benedito.

E desde logo assentemos que ele era o menos Romeu deste mundo. Tinha quarenta e cinco anos, quando o conheci; não declaro em que tempo, porque tudo neste conto há de ser misterioso e confuso. Quarenta e cinco anos e muitos cabelos pretos; para os que não eram usava um processo químico, tão eficaz que não se diferenciavam os pretos dos outros — salvo ao levantar da cama; mas ao levantar da cama não agrada a ninguém. Tudo mais era natural, pernas, braços, cabeça, olhos, roupa, sapatos, corrente do relógio e bengala. O próprio alfinete de diamante, que trazia na gravata, um dos mais lindos que tenho visto, era natural e legítimo; custou-lhe bom dinheiro; eu mesmo o vi comprar na casa do... lá me ia escapando o nome do joalheiro; fiquemos na Rua do Ouvidor.

---

<sup>19</sup>Personagem da peça *Romeu e Julieta*, do dramaturgo inglês William Shakespeare.

Moralmente, era ele mesmo. Ninguém muda de caráter, e o do Benedito era bom — ou, para melhor dizer, calmo. Mas intelectualmente é que ele era menos original. Podemos **compará-lo** a uma hospedaria de bons fregueses, aonde iam ter **ideias** de toda parte e de toda sorte, que se sentavam à mesa com a família da casa. Às vezes, acontecia acharem-se ali duas pessoas inimigas, ou simplesmente antipáticas; ninguém brigava, o dono da casa impunha aos hóspedes o respeito recíproco. Era assim que ele conseguia ajustar uma espécie de ateísmo vago com duas irmandades que fundou, não sei se na Gávea, na Tijuca ou no Engenho Velho. Usava assim, sem distinção, a devoção, a irreligião e as meias de seda. Nunca lhe vi as meias, note-se; mas ele não tinha segredos para os amigos.

Conhecemo-nos em viagem para Vassouras. Tínhamos deixado o trem e entrado na condução que nos ia levar da estação à cidade. Trocamos algumas palavras, e não demorou conversarmos francamente, ao sabor das circunstâncias que nos impunham a convivência, antes mesmo de saber quem éramos.

Naturalmente, o primeiro objeto foi o progresso que nos traziam as estradas de ferro. Benedito lembrava-se do tempo em que toda a jornada era feita às costas de burro. Contamos então algumas anedotas, falamos de alguns nomes e ficamos de acordo em que as estradas de ferro eram uma condição de progresso do país. Quem nunca viajou não sabe o valor que tem uma dessas banalidades graves e sólidas para afastar os tédios do caminho. O espírito respira, os próprios músculos recebem uma comunicação agradável, o sangue não salta, fica-se em paz com Deus e os homens.

— Não serão os nossos filhos que verão todo este país cortado de estradas, disse ele.

— Não, com certeza. O senhor tem filhos?

— Nenhum.

— Nem eu. Isso não será em **cinquenta** anos; e, entretanto, é a nossa primeira necessidade. Eu comparo o Brasil a uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro.

— Bonita **ideia!**, exclamou Benedito com faíscas nos olhos.

— Importa-me pouco que seja bonita, contanto que seja justa.

— Bonita e justa, respondeu ele com amabilidade. Sim, senhor, tem razão: o Brasil está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro.

Chegamos a Vassouras; eu fui para a casa do juiz municipal, camarada antigo; ele demorou-se um dia e seguiu para o interior. Oito dias depois voltei ao Rio de Janeiro, mas sozinho. Uma semana mais tarde, voltou ele; encontramos-nos no teatro, conversamos muito e trocamos notícias; Benedito acabou convidando-me a ir almoçar com ele no dia seguinte. Fui; deu-me um almoço de príncipe, bons charutos e conversa animada. Notei que a conversa dele fazia mais efeito no meio da viagem — arejando o espírito e deixando a gente em paz com Deus e os homens; mas devo dizer que o almoço pode ter prejudicado o resto. Realmente era magnífico; e seria inconveniente histórico pôr a mesa de Lúculo na casa de Platão<sup>20</sup>. Entre o café e o conhaque, disse-me ele, apoiando o cotovelo na borda da mesa, e olhando o charuto que ardia:

— Na minha viagem agora, achei ocasião de ver como o senhor tem razão com aquela **ideia** do Brasil engatinhando.

— Ah!

— Sim, senhor; é justamente o que o senhor dizia na condução de Vassouras. Só começaremos a andar quando tivermos muitas estradas de ferro. Não imagina como isso é verdade.

E referiu-se a muita coisa, observações relativas aos costumes do interior, dificuldades da vida, atraso, concordando, porém, nos bons sentimentos da população e nos desejos de progresso. Infelizmente, o governo não correspondia às necessidades da pátria; parecia até interessado em mantê-la atrás das outras nações americanas. Mas era indispensável que nos convencêssemos de que os princípios são tudo e os homens nada. Não se fazem os povos para os governos, mas os governos para os povos; e *abyssus abyssum invocat*<sup>21</sup>. Depois foi mostrar-me outras salas. Eram todas enfeitadas com dedicação. Mostrou-me as coleções de quadros, de moedas, de livros antigos, de selos, de armas; tinha espadas e floretes,

<sup>20</sup>Trocadilho com Lúculo, político romano, e Platão, filósofo grego, que não foram do mesmo tempo. O primeiro foi famoso pelos jantares que oferecia aos seus convidados; o segundo escreveu o livro *O banquete*.

<sup>21</sup>Em tradução livre: “O abismo chama o abismo”.

mas confessou que não sabia esgrimir<sup>22</sup>. Entre os quadros vi um lindo retrato de mulher; perguntei-lhe quem era. Benedito sorriu.

— Não irei adiante, disse eu sorrindo também.

— Não, não há que negar, disse ele; foi uma moça de quem gostei muito. Bonita, não? Não imagina a beleza que era... Os lábios eram mesmo de carmim e as faces de rosa; tinha os olhos negros, cor da noite. E que dentes! Verdadeiras pérolas. Um presente da natureza.

Em seguida, passamos ao gabinete. Era vasto, elegante, um pouco trivial, mas não lhe faltava nada. Tinha duas estantes, cheias de livros muito bem encadernados, um mapa-múndi, dois mapas do Brasil. A secretária era de ébano, obra fina; sobre ela, casualmente aberto, um almanaque de Laemmert. O tinteiro era de cristal — “cristal de rocha”, disse-me ele, explicando o tinteiro, como explicava as outras coisas. Na sala colada havia um órgão. Tocava órgão e gostava muito de música, falou dela com entusiasmo, citando as óperas, os trechos melhores, e me informou que, quando era pequeno, começara a aprender flauta; abandonou-a logo, — o que foi pena, concluiu, porque é, na verdade, um instrumento muito agradável. Mostrou-me ainda outras salas, fomos ao jardim, que era esplêndido, tanto ajudava a arte à natureza, e tanto a natureza coroava a arte. Em rosas, por exemplo (não precisa negar, disse-me ele, que é a rainha das flores); em rosas, tinha-as de toda característica e de todas as regiões.

Saí encantado. Encontramo-nos algumas vezes, na rua, no teatro, em casa de amigos comuns, tive ocasião de apreciá-lo. Quatro meses depois fui à Europa, negócio que me obrigava a ausência de um ano; ele ficou cuidando da eleição; queria ser deputado. Fui eu mesmo que o induzi a isso, sem a menor intenção política, mas com o único fim de lhe ser agradável; mal comparando, era como se lhe elogiasse o corte do colete. Ele pegou da **ideia** e apresentou-se.

Um dia, atravessando uma rua de Paris, dei subitamente com o Benedito.

— Que é isto?, exclamei.

— Perdi a eleição, disse ele, e vim passear na Europa.

<sup>22</sup>Manipular, em combate ou por esporte, uma espada.

— Não me deixou mais; viajamos juntos o resto do tempo. Confessou-me que a perda da eleição não lhe tirara a **ideia** de entrar no parlamento. Ao contrário, estimulara-o mais. Falou-me de um grande plano.

— Quero vê-lo ministro, disse-lhe.

Benedito não contava com esta palavra, o rosto se iluminou; mas disfarçou depressa.

— Não digo isso, respondeu. Quando, porém, for ministro, creia que serei **tão somente** ministro industrial. Estamos cansados de partidos: precisamos desenvolver as forças vivas do país, os seus grandes recursos. Lembra-se do que nós dizíamos nas conduções de Vassouras? O Brasil está engatinhando; só andarás com estradas de ferro...

— Tem razão, concordei um pouco espantado. E por que é que eu mesmo vim à Europa? Vim cuidar de uma estrada de ferro. Deixo as coisas arranjadas em Londres.

— Sim?

— Perfeitamente.

Mostrei-lhe os papéis, ele viu-os deslumbrado. Como eu tinha então recolhido alguns apontamentos, dados estatísticos, folhetos, relatórios, cópias de contratos, tudo referente a matérias industriais e lhe mostrasse, Benedito declarou-me que ia também reunir algumas coisas daquelas. E, na verdade, vi-o andar por ministérios, bancos, associações, pedindo muitas notas e informativos, que amontoava nas malas; mas o ardor com que o fez, se foi intenso, foi curto; era de empréstimo. Benedito recolheu com muito mais gosto os provérbios políticos e fórmulas parlamentares. Tinha na cabeça um vasto arsenal deles. Nas conversas comigo repetia-os muitas vezes, como se fosse experiente; achava neles grande prestígio e valor inestimável. Muitos eram de tradição inglesa, e ele os preferia aos outros, como trazendo em si um pouco da Câmara dos Comuns. Saboreava-os tanto que eu não sei se ele aceitaria jamais a liberdade real sem aquele aparelho verbal; creio que não. Creio até que, se tivesse de optar, optaria por essas formas curtas, tão cômodas, algumas, lindas, outras sonoras, todas incontestáveis, que não forçam a reflexão, preenchem os vazios e deixam a gente em paz com Deus e os homens.



Regressamos juntos; mas eu fiquei em Pernambuco, e tornei mais tarde a Londres, donde vim ao Rio de Janeiro, um ano depois. Já então Benedito era deputado. Fui visitá-lo; achei-o preparando o discurso de **estrela**. Mostrou-me alguns apontamentos, trechos de relatórios, livros de economia política, alguns com páginas marcadas por meio de tiras e papel rubricadas assim:

— Câmbio, Taxa das terras, Questão dos cereais na Inglaterra, Opinião de Stuart Mill, Erro de Thiers sobre caminhos de ferro, etc. Era sincero, minucioso e esperto. Falava-me daquelas coisas, como se acabasse de descobri-las, expondo-me tudo, *ab ovo*<sup>23</sup>; queria mostrar aos homens práticos da Câmara que também ele era prático. Em seguida, perguntou-me pela empresa; disse-lhe o que havia.

— Dentro de dois anos planejo inaugurar o primeiro trecho da estrada.

— E os capitalistas ingleses?

— Que tem?

— Estão contentes, esperançosos?

— Muito; não imagina.

Contei-lhe algumas particularidades técnicas, que ele ouviu distraidamente, ou porque a minha narração fosse complicada ao extremo, ou por outro motivo. Quando acabei, disse-me que gostaria de me ver entregue ao movimento industrial; era dele que precisávamos, e a este propósito fez-me o favor de ler o começo do discurso que devia proferir dali a dias.

Está ainda em borrão, explicou-me; mas as **ideias** capitais estão aqui. E começou: “No meio da agitação crescente dos espíritos, do falatório partidário que encobre as vozes dos legítimos interesses, permitam que alguém faça ouvir uma súplica da nação. Senhores, é tempo de cuidar, exclusivamente — notem que digo exclusivamente — dos melhoramentos materiais do país. Não desconheço o que podem dizer contra; dir-me-ão que uma nação não se compõe só de estômago para digerir, mas de cabeça para pensar e de coração para sentir. Respondo que tudo isso não valerá nada ou pouco, se ela não tiver pernas para caminhar; e aqui repetirei o que, há alguns anos, dizia eu

---

<sup>23</sup>Desde o início.

---

a um amigo, em viagem pelo interior: o Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro...”

Não pude ouvir mais nada e fiquei pensativo. Mais que pensativo, fiquei assombrado, desorientado diante do abismo que a psicologia colocava aos meus pés. Este homem é sincero, pensei comigo, está convencido do que escreveu. E fui por aí abaixo até ver se achava a explicação do que se passou naquela recordação da condução de Vassouras. Achei (perdoem-me se há nisto falta de modéstia) ali mais um efeito da lei da evolução, tal como a definiu Spencer<sup>24</sup> — Spencer ou Benedito, um deles.

<sup>24</sup>Spencer (1820-1903), filósofo inglês.

## Pílades e Orestes<sup>25</sup>

Quintanilha gerou Gonçalves. Tal era a impressão que davam os dois juntos, não que se parecessem. Ao contrário, Quintanilha tinha o rosto redondo; Gonçalves, comprido, o primeiro era baixo e moreno; o segundo, alto e claro; e a expressão total era inteiramente diferente. E eram quase da mesma idade. A **ideia** da paternidade nascia das maneiras com que o primeiro tratava o segundo; um pai não teria mais carinhos, cuidados e pensamentos. Tinham estudado juntos, morado juntos, e eram bacharéis do mesmo ano. Quintanilha não seguiu advocacia nem magistratura, meteu-se na política; mas, eleito deputado provincial em 187..., cumpriu o prazo da legislatura e abandonou a carreira. Herdara os bens de um tio, que lhe davam renda de cerca de trinta contos de réis. Veio para o seu Gonçalves, que advogava no Rio de Janeiro.

Mesmo bem de vida, moço, amigo do seu único amigo, não se pode dizer que Quintanilha fosse inteiramente feliz, como vais ver. Deixo de lado o desgosto que lhe trouxe a herança, com o ódio dos parentes; tal ódio fez com que ele estivesse prestes a abrir mão dela, e não o fez porque o amigo Gonçalves, que lhe dava **ideias** e conselhos, o convenceu de que semelhante ato seria completa loucura.

---

<sup>25</sup>Personagens da mitologia grega, representam a amizade masculina.

— Que culpa tem que seu tio deixasse mais a você que aos outros parentes? Não foi você que fez o testamento nem bajulou o defunto, como os outros. Se ele deixou tudo a você, é que o achou melhor que eles; fique-se com a fortuna, que é a vontade do morto, e não seja tolo.

Quintanilha acabou concordando. Dos parentes, alguns buscaram reconciliar-se com ele, mas o amigo mostrou-lhe a intenção verdadeira de tal ato, e Quintanilha não lhes abriu a porta. Um desses, ao vê-lo ligado com o antigo companheiro de estudos, bradava por toda a parte:

— Aí está, deixa os parentes para se meter com estranhos; vai ver só o fim que dá.

Ao saber disto, Quintanilha correu para contá-lo a Gonçalves, indignado. Gonçalves sorriu, chamou-lhe tolo e **aquietou-lhe** o ânimo; não valia a pena irritar-se por mexericos.

— Uma só coisa desejo, continuou, é que nos separemos, para que não se diga...

— Que não se diga o quê? É boa! Tinha de ser, se eu passasse a escolher as minhas amizades conforme o capricho de alguns desocupados sem-vergonha!

— Não fale assim, Quintanilha. Você é grosseiro com seus parentes.

— Parentes o diabo que os leve! Pois eu devo viver com as pessoas que me forem designadas por meia dúzia de espertinhos que o que querem é comer meu dinheiro? Não, Gonçalves; tudo o que você quiser, menos isso. Quem escolhe os meus amigos sou eu, é o meu coração. Ou você está... está aborrecido de mim?

— Eu? Tem graça!

— Pois então?

— Mas é...

— Não é isso!

A vida que os dois viviam era a mais unida deste mundo. Quintanilha acordava, pensava no outro, almoçava e ia ficar com ele. Jantavam juntos, faziam alguma visita, passeavam ou acabavam a noite no teatro. Se Gonçalves tinha algum trabalho que fazer à noite, Quintanilha ia ajudá-lo como obrigação; dava busca aos textos de lei, marcava-os, copiava-os, carregava os livros. Gonçalves esquecia com facilidade, ora um recado, ora

uma carta, sapatos, charutos, papéis. Quintanilha completava sua memória. Às vezes, na Rua do Ouvidor, vendo passar as moças, Gonçalves lembrava-se de uns autos que deixara no escritório. Quintanilha voava a buscá-los e tornava com eles, tão contente que não se podia saber se eram autos, se a sorte grande; procurava-o ansiosamente com os olhos, corria, sorria, morria de cansaço.

— São estes?

— São; deixe-me ver; são estes mesmos. Dá aqui.

— Deixa, eu levo.

No começo, Gonçalves suspirava: “Que aborrecimento que dei a você!”. Quintanilha ria do suspiro com tão bom humor que o outro, para não o incomodar, não se acusou de mais nada; concordou em receber os favores. Com o tempo, estes ficaram sendo puro ofício. Gonçalves dizia ao outro: “Você hoje deve me lembrar isto e aquilo”. E o outro decorava as recomendações, ou escrevia-as, se eram muitas. Algumas dependiam de horas; dava gosto de ver como o bom Quintanilha suspirava aflito, à espera que chegasse tal ou tal hora para ter o gosto de lembrar os negócios ao amigo. E levava-lhe as cartas e papéis, ia buscar as respostas, procurar as pessoas, esperá-las na estrada de ferro, fazia viagens ao interior. Por si mesmo descobria bons charutos, bons jantares, bons espetáculos. Gonçalves já não tinha a liberdade de falar de um livro novo, ou somente caro, que não achasse um exemplar em casa.

— Você é um gastador, dizia-lhe em tom repreensivo.

— Então gastar com letras e ciências é botar fora? É boa!, concluía o outro.

No fim do ano quis obrigá-lo a passar fora as férias. Gonçalves acabou aceitando, e o prazer que lhe deu com isto foi enorme. Subiram a Petrópolis. Na volta, serra abaixo, como falavam de pintura, Quintanilha advertiu que não tinham ainda uma tela com o retrato dos dois, e mandou fazê-la. Quando a levou ao amigo, este não pode deixar de lhe dizer que não prestava para nada. Quintanilha ficou sem voz.

— É uma porcaria, insistiu Gonçalves.

— Pois o pintor me disse...

— Você não entende de pintura, Quintanilha, e o pintor

aproveitou a ocasião para apontar-lhe a arma. Pois isto é cara decente? Eu tenho este braço torto?

— Que ladrão!

— Não, ele não tem culpa, fez o seu negócio; você é que não tem o sentimento da arte, nem prática, e enganou-se redondamente. A intenção foi boa, creio...

— Sim, a intenção foi boa.

— E aposto que já pagou?

— Já.

Gonçalves abanou a cabeça, chamou-lhe ignorante e acabou rindo. Quintanilha, envergonhado e aborrecido, olhava para a tela, até que pegou um canivete e rasgou-a de alto a baixo. Como se não bastasse esse gesto de vingança, devolveu a pintura ao artista com um bilhete em que lhe transmitiu alguns dos nomes recebidos e mais o de asno. A vida tem muito desses agradecimentos.

Além do mais, uma letra<sup>26</sup> de Gonçalves que venceu dali a dias e que este não pôde pagar veio trazer ao espírito de Quintanilha uma diversão. Quase brigaram; a ideia de Gonçalves era renovar a letra; Quintanilha, que era o endossante, entendia não valer a pena pedir o favor por tão pouca quantia (um conto e quinhentos), ele emprestaria o valor da letra, e o outro que lhe pagasse, quando pudesse. Gonçalves não consentiu e fez-se a reforma. Quando, ao fim dela, a situação se repetiu, o mais que este admitiu foi aceitar uma letra de Quintanilha, com o mesmo juro.

— Você não vê que me envergonha, Gonçalves? Pois eu devo receber juro de você...?

— Ou recebe, ou não fazemos nada.

— Mas, meu querido...

Teve que concordar. A união dos dois era tal que uma senhora chamava-lhes os “casadinhos de fresco”, e um letrado, Pílades e Orestes. Eles riam, naturalmente, mas o riso de Quintanilha trazia alguma coisa parecida com lágrimas: era, nos olhos, uma ternura úmida. Outra diferença é que o sentimento de Quintanilha tinha uma nota de entusiasmo, que absolutamente faltava

---

<sup>26</sup> Letra de câmbio, documento que representa dinheiro.

ao de Gonçalves; mas, entusiasmo não se inventa. É claro que o segundo era mais capaz de inspirá-lo ao primeiro do que este a aquele. Em verdade, Quintanilha era muito sensível a qualquer diferenciação; uma palavra, um olhar bastava para acender-lhe o cérebro. Uma pancadinha no ombro ou no ventre, com o fim de aprová-lo ou só acentuar a intimidade, era para derretê-lo de prazer. Contava o gesto e as circunstâncias durante dois ou três dias.

Não era raro vê-lo irritar-se, teimar, ser desagradável com os outros. Também era comum vê-lo rir; alguma vez o riso era universal, espalhava-se pela boca, pelos olhos, pela testa, pelos braços, pelas pernas, todo ele era um riso único. Sem ter paixões, estava longe de ser apático.

A letra sacada contra Gonçalves tinha o prazo de seis meses. No dia do vencimento, não só não pensou em cobrá-la, mas resolveu ir jantar a algum subúrbio para não ver o amigo, se fosse convidado ao acerto. Gonçalves destruiu todo esse plano; logo cedo, foi levar-lhe o dinheiro. O primeiro gesto de Quintanilha foi recusá-lo, dizendo-lhe que o guardasse, podia precisar dele; o devedor teimou em pagar e pagou.

Quintanilha acompanhava os atos de Gonçalves; via a constância do seu trabalho, o zelo que ele punha na defesa dos processos, e vivia cheio de admiração. Realmente, não era grande advogado, mas, na medida das suas habilitações, era bom.

— Você, por que não se casa?, perguntou-lhe um dia; um advogado precisa casar.

Gonçalves respondia rindo. Tinha uma tia, única parenta, a quem ele queria muito, e que morreu quando eles iam em trinta anos. Dias depois, dizia ao amigo:

— Agora só me resta você.

Quintanilha sentiu os olhos molhados e não achou o que lhe respondesse. Quando se lembrou de dizer que “iria até a morte”, era tarde. Redobrou então de carinhos e um dia acordou com a **ideia** de fazer testamento. Sem revelar nada ao outro, nomeou-o testamenteiro e herdeiro universal.

— Guarde-me este papel, Gonçalves, disse-lhe entregando o testamento. Sinto-me forte, mas a morte é fácil, e não quero confiar a qualquer pessoa as minhas últimas vontades.



Foi por esse tempo que sucedeu um caso que vou contar.

Quintanilha tinha uma prima segunda, Camila, moça de vinte e dois anos, modesta, educada e bonita. Não era rica; o pai, João Bastos, fazia contabilidade de uma casa de café.

Haviam brigado por ocasião da herança; mas Quintanilha foi ao enterro da mulher de João Bastos, e este ato de piedade novamente os ligou. João Bastos esqueceu facilmente alguns nomes cruéis que dissera ao primo, chamou-lhe outros nomes doces, e pediu-lhe que fosse jantar com ele.

Quintanilha foi e tornou a ir. Ouviu do primo o elogio da finada mulher; numa ocasião em que Camila os deixou a sós, João Bastos louvou as raras qualidades da filha, que afirmava haver recebido totalmente a herança moral da mãe.

— Não direi isto nunca à pequena, nem você lhe diga nada. É modesta, e, se começarmos a elogiá-la, pode se perder. Assim, por exemplo, nunca lhe direi que é tão bonita como foi a mãe, quando tinha a idade dela; pode ficar vaidosa. Mas a verdade é que é mais, não lhe parece? Tem ainda o talento de tocar piano, que a mãe não possuía.

Quando Camila voltou à sala de jantar, Quintanilha sentiu vontade de lhe contar tudo, conteve-se e piscou o olho para o primo. Quis ouvi-la ao piano; ela respondeu, cheia de melancolia:

— Ainda não, há apenas um mês que mamãe faleceu, deixe passar mais tempo. Além do mais, eu toco mal.

— Mal?

— Muito mal.

Quintanilha tornou a piscar o olho para o primo, e falou à moça que a prova de tocar bem ou mal só se dava no piano. Quanto ao prazo, era certo que apenas passara um mês; todavia era também certo que a música é uma distração natural e elevada. Além disso, bastava tocar um pedaço triste. João Bastos aprovou este modo de ver e lembrou uma composição triste.

Camila abanou a cabeça.

— Não, não, sempre é tocar piano; os vizinhos são capazes de inventar que eu toquei uma polca<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Estilo musical originário da Boêmia. No texto, sugere uma música animada.

Quintanilha achou graça e riu. Depois concordou e esperou que os três meses fossem passados. Até lá, viu a prima algumas vezes, sendo as três últimas visitas mais próximas e longas. O pai confessou que, no começo, não gostava muito daquelas músicas alemãs; com o tempo e o costume começou a gostar. Chamava à filha “a minha alemãzinha”, apelido que foi adotado por Quintanilha, apenas modificado para o plural: “a nossa alemãzinha”. Pronomes possessivos dão intimidade; dentro em pouco, ela existia entre os três — ou quatro, se contarmos Gonçalves, que ali foi apresentado pelo amigo. Mas fiquemos nos três, porque ele é coisa já farejada por ti, leitor esperto. Quintanilha acabou gostando da moça. Como não, se Camila tinha uns longos olhos mortais? Não é que os pousasse muitas vezes nele, e, se o fazia, era com muito constrangimento, no começo, como as crianças que obedecem sem vontade às ordens do mestre ou do pai; mas pousava-os, e eles eram tais que, ainda sem intenção, feriam de morte. Também sorria com frequência e falava com graça. Ao piano, e por mais aborrecida que tocasse, tocava bem. Em suma, Camila não fazia obra de impulso próprio, sem ser por isso menos atraente. Quintanilha descobriu um dia de manhã que sonhara com ela a noite toda, e à noite que pensara nela todo o dia, e concluiu da descoberta que a amava e era amado.

Tão tonto ficou que esteve prestes a imprimi-lo nos jornais. Quando menos, quis dizê-lo ao amigo Gonçalves e correu ao escritório deste. A afeição de Quintanilha misturava-se com respeito e temor. Quase abrindo a boca, engoliu outra vez o segredo. Não ousou dizê-lo nesse dia nem no outro.

Antes dissesse; talvez fosse tempo de vencer a batalha. Adiou a revelação por uma semana. Um dia foi jantar com o amigo, e, depois de muitas hesitações, disse-lhe tudo; amava a prima e era amado.

— Você aprova, Gonçalves?

Gonçalves empalideceu — ou, pelo menos, ficou sério; nele a seriedade confundia-se com a palidez. Mas não; verdadeiramente ficou pálido.

— Aprova?, repetiu Quintanilha.

Após alguns segundos, Gonçalves ia abrir a boca para responder, mas fechou-a de novo, e fitou os olhos “em ontem”,

como ele mesmo dizia quando estendia a visão ao longe. Em vão Quintanilha teimou em saber o que era, o que pensava, se aquele amor era asneira. Estava tão acostumado a ouvir dele este vocábulo que já não lhe doía nem enfrentava, ainda mais em matéria tão delicada e pessoal. Gonçalves tornou a si daquela meditação, sacudiu os ombros, com ar desiludido, e murmurou esta palavra tão surdamente que o outro mal a pôde ouvir.

— Não me pergunte nada; faça o que quiser.

— Gonçalves, que é isso?, perguntou Quintanilha, pegando-lhe nas mãos, assustado.

Gonçalves soltou um grande suspiro, que, se tinha asas, ainda agora estará voando. Tal foi a impressão de Quintanilha. O relógio da sala de jantar bateu oito horas, Gonçalves alegou que ia visitar um desembargador, e o outro despediu-se.

Na rua, Quintanilha parou atordoado. Não entendia aqueles gestos, aquele suspiro, aquela palidez, todo o efeito misterioso da notícia dos seus amores. Entrara e falara, disposto a ouvir do outro um ou mais daqueles comentários costumados e amigos, idiota, crédulo, paspalhão, e não ouviu nenhum. Ao contrário, havia nos gestos de Gonçalves alguma coisa de respeito. Não se lembrava de nada ao jantar que pudesse tê-lo ofendido; foi só depois de lhe confiar o sentimento novo que trazia a respeito da prima que o amigo ficou acabrunhado.

— Mas, não pode ser, pensava ele; o que é que Camila tem que não possa ser boa esposa?

Nisso gastou, parado, defronte da casa, mais de meia hora. Percebeu então que Gonçalves não saíra. Esperou mais meia hora; nada. Quis entrar outra vez, abraçá-lo, interrogá-lo... Não teve forças; seguiu pela rua afora, desesperado. Chegou à casa de João Bastos, e não viu Camila; tinha-se recolhido, gripada. Queria justamente contar-lhe tudo, e aqui é preciso explicar que ele ainda não tinha se declarado à prima. Os olhares da moça não fugiam dos seus; era tudo, e podia não passar de charminho. Mas o lance não podia ser melhor para clarear a situação.

Contando o que se passara com o amigo, tinha o ensejo de lhe fazer saber que a amava e ia pedi-la ao pai. Era uma consolação no meio daquela agonia; o acaso negou-lhe, e Quintanilha saiu da casa, pior que entrara. Recolheu-se.

Não dormiu antes das duas horas da manhã, e o sono não serviu para repouso, e sim para agitação maior e nova. Sonhou que ia a atravessar uma ponte velha e longa, entre duas montanhas, e a meio caminho viu surgir debaixo um vulto e fincar os pés defronte dele. Era Gonçalves. “Infame”, disse este com os olhos acesos, “por que vens me tirar a noiva do meu coração, a mulher que eu amo e é minha? Toma, toma logo o meu coração, é mais completo”. E com um gesto rápido abriu o peito, arrancou o coração e meteu-lhe na boca. Quintanilha tentou pegar a víscera amiga e repô-la no peito de Gonçalves; foi impossível. Os queixos acabaram por fechá-la. Quis cuspi-la e foi pior; os dentes cravaram-se no coração. Quis falar, mas vá alguém falar com a boca cheia daquela maneira. Afinal o amigo ergueu os braços e estendeu-lhe as mãos com o gesto de maldição que ele vira nos melodramas, em dias de rapaz; logo depois, **brotaram-lhe** dos olhos duas imensas lágrimas, que encheram o vale de água, atirou-se abaixo e desapareceu.

Quintanilha acordou sufocado.

A ilusão do pesadelo era tal que ele ainda levou as mãos à boca, para arrancar de lá o coração do amigo. Achou a língua somente, esfregou os olhos e sentou-se. Onde estava? Que era? E a ponte? E o Gonçalves? Voltou a si de todo, compreendeu e novamente se deitou, para outra insônia, menor que a primeira, é certo; veio dormir às quatro horas.

De dia, relembando toda a véspera, realidade e sonho, chegou à conclusão de que o amigo Gonçalves era seu rival, amava a prima dele, era talvez amado por ela... Sim, sim, podia ser. Quintanilha passou duas horas cruéis. Afinal decidiu-se e foi ao escritório de Gonçalves, para saber tudo de uma vez; e, se fosse verdade, sim, se fosse verdade...

Gonçalves redigia umas anotações. Interrompeu para fitá-lo um instante, erguer-se, abrir o armário de ferro, onde guardava os papéis importantes, tirar de lá o testamento de Quintanilha e entregá-lo ao testador.

— Que é isto?

— Você vai mudar de estado, respondeu Gonçalves, sentando-se à mesa.

Quintanilha sentiu lágrimas na sua voz; assim lhe pareceu, ao menos. Pediu-lhe que guardasse o testamento; era o seu confidente



natural. Insistiu muito; só lhe respondia o som áspero da pena correndo no papel. Não corria bem a pena, a letra era tremida, as emendas mais numerosas que de costume, provavelmente as dadas erradas. A consulta dos livros era feita com tal melancolia que entristecia o outro. Às vezes, parava tudo, pena e consulta, para só ficar o olhar fito “em ontem”.

— Entendo, disse Quintanilha, ela será tua.

— Ela quem?, quis perguntar Gonçalves, mas o amigo já voava escada abaixo, como uma flecha, e ele continuou as suas anotações.

Não se adivinha todo o resto; basta saber o final. Nem se adivinha nem se crê; mas a alma humana é capaz de esforços grandes, tanto no bem como no mal. Quintanilha fez outro testamento, legando tudo à prima, com a condição de se casar com o amigo. Camila não aceitou o testamento, mas ficou tão contente quando o amigo lhe falou das lágrimas do Gonçalves, que aceitou Gonçalves e as lágrimas. Então Quintanilha não achou melhor remédio que fazer terceiro testamento legando tudo ao amigo.

O final da história foi dito em latim. Quintanilha serviu de testemunha ao noivo, e de padrinho aos dois primeiros filhos. Um dia em que, levando doces para os afilhados, atravessava a Praça Quinze de Novembro, recebeu uma bala revoltosa (1893) que o matou quase instantaneamente. Está enterrado no cemitério de São João Batista; a sepultura é simples, a pedra tem um epitáfio que termina com esta frase: “Orai por ele!”. É também o fecho da minha história. Orestes ainda vive, sem os remorsos do modelo grego<sup>28</sup>. Pílates é agora o personagem mudo de Sófocles<sup>29</sup>. Orai por ele!

---

<sup>28</sup>Remorsos que sofre Orestes ao matar a mãe Clitemnestra, para vingar o pai Agamemnon.

<sup>29</sup>Referência ao fato de Pílates ser um personagem sem falas na peça clássica grega escrita por Sófocles.

## Anedota do Cabriolet

— Cabriolet<sup>30</sup> está aí, sim senhor, dizia o negro que viera à matriz de São José chamar o vigário para sacramentar dois moribundos.

A geração de hoje não viu a entrada e a saída do Cabriolet no Rio de Janeiro. Também não saberá do tempo em que o cab<sup>31</sup> e o tílbur<sup>32</sup> vieram para o rol dos nossos veículos de praça ou particulares. O cab durou pouco. O tílbur, anterior aos dois, promete ficar até a destruição da cidade. Quando esta acabar e entrarem os cavadores de ruínas, vai-se achar um parado, com o cavalo e o cocheiro em ossos esperando o freguês de costume. O arqueólogo dirá coisas raras sobre os três esqueletos. O Cabriolet não teve história; deixou apenas a anedota que vou dizer.

— Dois!, exclamou o sacristão.

— Sim, senhor, dois, nhã Anunciada e nhô Pedrinho. Coitado de nhô Pedrinho! E nhã Anunciada, coitada!, continuou o negro a gemer, andando de um lado para outro, aflito, fora de si.

<sup>30</sup>Carruagem leve, de duas rodas e capota móvel, sem **boleia**, puxada por um cavalo.

<sup>31</sup>Cabriolet de origem inglesa, onde o cocheiro ficava atrás dos passageiros, num assento mais alto.

<sup>32</sup>Carro de duas rodas e dois assentos, sem **boleia** e com capota, puxado por um só animal.

Alguém que leia isto com a alma cinza de dúvidas, é natural que pergunte se o negro sentia de verdade ou se queria estimular a curiosidade do sacerdote e do sacristão. Eu acredito que tudo se pode combinar neste mundo, como no outro. Creio que ele sentia de verdade; não duvido que quisesse dizer alguma história terrível. Em todo caso, nem o sacerdote nem o sacristão lhe perguntaram nada.

Não é que o sacristão não fosse curioso. Na verdade, era um pouco mais que isso. Trazia a paróquia de cor, sabia o nome das devotas, a vida delas, a dos maridos e a dos pais, as qualidades e os recursos de cada uma, e o que comiam, e o que bebiam, e o que diziam, os vestidos e as virtudes, os dotes das solteiras, o comportamento das casadas, as saudades das viúvas.

Pesquisava tudo; nos intervalos, ajudava a missa e o resto. Chamava-se João das Mercês, homem quarentão, pouca barba e grisalho, magro e de porte médio.

— Que Pedrinho e que Anunciada serão esses?, dizia consigo, acompanhando o sacerdote.

Embora ardesse por sabê-los, a presença do sacerdote impediria qualquer pergunta. Este ia tão calado e devoto, caminhando para a porta da igreja, que era forçado a mostrar o mesmo silêncio e piedade que ele. Assim foram andando. O Cabriolet esperava-os; o cocheiro tirou o chapéu, os vizinhos e alguns passantes ajoelharam-se, enquanto o padre e o sacristão entravam e o veículo seguia pela Rua da Misericórdia. O negro foi pelo outro lado do caminho a passo largo.

Que andem burros e pessoas na rua, e as nuvens no céu, se houver, e os pensamentos nas cabeças, se os têm. A do sacristão tinha-os vários e confusos. Não era sobre o Nosso-Pai, embora soubesse adorá-lo, nem da água benta e do hissopo<sup>33</sup> que levava; também não era sobre a hora — oito e quinze da noite (aliás, o céu estava claro e a lua ia aparecendo). O próprio Cabriolet, que era novo na terra e substituía a sege<sup>34</sup>, não ocupava o cérebro todo de João das Mercês, a não ser na parte que pegava com nhô Pedrinho e nhá Anunciada.

<sup>33</sup>Objeto usado para respingar água benta.

<sup>34</sup>Carruagem com duas rodas e um assento, fechado com cortinas na parte dianteira.

— Deve ser gente nova, ia pensando o sacristão, mas hóspede em alguma casa, certamente, porque não há casa vazia na praia, e o número é o da casa do comendador Brito. Parentes, serão? Que parentes, se nunca ouvi...? Amigos, não sei; conhecidos, talvez, simples conhecidos. Mas então mandariam Cabriolet? Este mesmo negro é novo na casa; deve ser escravo de um dos moribundos, ou de ambos.

Era assim que João das Mercês ia cogitando e não foi por muito tempo. O Cabriolet parou à porta de um sobrado, justamente a casa do comendador Brito, José Martins de Brito. Já havia algumas pessoas embaixo com velas, o padre e o sacristão saíram do veículo e subiram a escada, acompanhados do comendador. A esposa deste, no patamar, beijou o anel do padre. Gente grande, crianças, escravos, um burburinho surdo, meia claridade, e os dois moribundos à espera, cada um no seu quarto, ao fundo.

Tudo se passou como é de uso e regra em tais ocasiões. Nhô Pedrinho foi absolvido e ungido, nhã Anunciada também, e o sacerdote despediu-se da casa para tornar à matriz com o sacristão. Este não se despediu do comendador sem lhe perguntar ao ouvido se os dois eram parentes seus. Não, não eram parentes, respondeu Brito; eram amigos de um sobrinho que vivia em Campinas; uma história terrível... Os olhos de João das Mercês escutaram arregaladamente estas duas palavras e disseram, sem falar, que viriam ouvir o resto — talvez naquela mesma noite.

Tudo foi rápido, porque o padre descia a escada, deveria ir com ele.

Foi tão curta a moda do Cabriolet que este provavelmente não levou outro padre a moribundos. Ficou-lhe a anedota, que vou acabar já, tão pouca foi ela, uma anedota de nada. Não importa. Qualquer que fosse o tamanho ou a importância, era sempre uma fatia de vida para o sacristão, que ajudou o padre a guardar o pão sagrado, a despir a sobrepeliz<sup>35</sup> e a fazer tudo mais, antes de se despedir e sair. Saiu, enfim, a pé, rua acima, praia fora, até parar à porta do comendador.

---

<sup>35</sup>Vestimenta branca, com ou sem rendas, que os padres usam sobre a batina.

No caminho foi relembando toda a vida daquele homem, antes e depois da comenda. Compôs o negócio, que era fornecimento de navios, creio eu, a família, as festas dadas, os cargos paroquiais, comerciais e eleitorais, e daqui aos boatos e anedotas não houve mais que um passo ou dois. A grande memória de João das Mercês guardava todas as coisas, máximas e mínimas, com tal nitidez que pareciam da véspera e tão completas que nem o próprio objeto era capaz de ser tão igual. Sabia-as como o Padre-Nosso, isto é, sem pensar nas palavras; ele rezava tal qual comia, mastigando a oração, que lhe saía dos queixos sem sentir. Se a regra mandasse rezar três dúzias de padre-nossos seguidamente, João das Mercês os diria sem contar.

Assim era com as vidas alheias; amava sabê-las, pesquisava-as, decorava-as, e nunca mais lhe saíam da memória. Na paróquia todos lhe queriam bem, porque ele nem comentava nem maldizia. Tinha o amor da arte pela arte. Muitas vezes nem era preciso perguntar nada. José dizia-lhe a vida de Antônio, e Antônio, a de José. O que ele fazia era ratificar ou retificar um com outro, e os dois com Sancho, Sancho com Martinho, e vice-versa, todos com todos. Assim é que enchia as horas vagas, que eram muitas. Algumas vezes, na própria missa, recordava uma anedota da véspera, e, no começo, pedia perdão a Deus; deixou de pedir quando refletiu que não falhava uma só palavra ou gesto do santo sacrifício, tão consolidados os trazia em si. A anedota que então revivia por instantes era como a andorinha que atravessa uma paisagem. A paisagem fica sendo a mesma, e a água, se há água, produz o mesmo som. Esta comparação, que era dele, valia mais do que ele pensava, porque a andorinha, ainda voando, faz parte da paisagem, e a anedota fazia nele parte da pessoa; era um dos seus atos de viver.

Quando chegou à casa do comendador, tinha desfiado o rosário da vida deste e entrou com o pé direito para não sair mal. Não pensou em sair cedo, por mais aflita que fosse a ocasião, e nisto a sorte o ajudou. Brito estava na sala da frente, em conversa com a mulher, quando lhe vieram dizer que João das Mercês perguntava pelo estado dos moribundos. A esposa retirou-se da sala, o sacristão entrou pedindo desculpas e dizendo que era por pouco tempo; ia passando e lembrava-se de

saber se os enfermos tinham ido para o céu — ou se ainda eram deste mundo. Tudo o que dissesse respeito ao comendador seria ouvido por ele com interesse.

— Não morreram, nem sei se escaparão; ao menos, creio que ela morrerá, concluiu Brito.

— Parecem bem mal.

— Ela, principalmente; também é a que mais sofre da febre. A febre os pegou aqui em nossa casa, logo que chegaram de Campinas, há dias.

— Já estavam aqui?, perguntou o sacristão, assombrado de não saber disso.

— Já; chegaram há quinze dias, ou quatorze. Vieram com o meu sobrinho Carlos e aqui apanharam a doença.

Brito interrompeu o que ia dizendo; assim pareceu ao sacristão, que pôs no semblante toda a expressão de pessoa que espera o resto. Entretanto, como o outro estava mordendo os beiços e olhando para as paredes, não viu o gesto de espera, e ambos se detiveram calados. Brito acabou andando ao longo da sala, enquanto João das Mercês dizia consigo que havia alguma coisa mais que febre. A primeira **ideia** que lhe veio foi se os médicos teriam errado na doença ou no remédio; também pensou que podia ser outro mal escondido, a que deram o nome de febre para encobrir a verdade. Ia acompanhando com os olhos o comendador, enquanto este ia e voltava pela sala toda, suavizando os passos para não aborrecer mais os que estavam dentro. De lá vinha algum barulho de conversa, chamado, recado, porta que se abria ou fechava. Tudo isso era nada para quem tivesse outro cuidado; mas o nosso sacristão já agora não tinha mais que saber o que não sabia. Ao menos, a família dos enfermos, a posição, o atual estado, alguma página da vida deles, tudo era conhecer algo, por mais afastado que fosse da paróquia.

— Ah!, exclamou Brito detendo o passo.

Parecia haver nele o desejo impaciente de falar um caso — a “história terrível”, que anunciara ao sacristão, pouco antes. Mas nem este ousava pedi-la nem aquele dizê-la, e o comendador começou a andar outra vez.

João das Mercês sentou-se. Viu bem que em tal situação era preciso despedir-se com boas palavras de esperança ou de

conforto e voltar no dia seguinte; preferiu sentar-se e aguardar. Não viu na cara do outro nenhum sinal de reprovação do seu gesto; ao contrário, ele parou defronte e suspirou com grande cansaço.

— Triste, sim, triste, concordou João das Mercês. Boas pessoas, não?

— Iam casar.

— Casar? Noivos um do outro?

Brito confirmou de cabeça. A nota era melancólica, mas não havia sinal da história terrível anunciada, e o sacristão esperou por ela. Observou consigo que era a primeira vez que ouvia alguma coisa de gente que absolutamente não conhecia. As caras, vistas há pouco, eram o único sinal dessas pessoas. Nem por isso se sentia menos curioso. Iam casar... Podia ser que a história terrível fosse isso mesmo. Na verdade, atacados de um mal na véspera de um bem, o mal devia ser terrível. Noivos e moribundos...

Vieram trazer recado ao dono da casa; este pediu licença ao sacristão tão depressa que nem deu tempo a que ele se despedisse e saísse. Correu para dentro, e lá ficou **cinquenta** minutos.

Passado esse tempo, chegou à sala um pranto sufocado; logo após, o comendador voltou.

— Que lhe dizia eu, há pouco? Pelo menos ela ia morrer; morreu.

Brito disse isso sem lágrimas e quase sem tristeza. Conhecia a defunta de pouco tempo. As lágrimas, segundo falou, eram do sobrinho de Campinas e de uma parenta da defunta, que morava em Mata-Porcos. Daí a supor que o sobrinho do comendador gostasse da noiva do moribundo foi um instante para o sacristão, mas não se apegou à **ideia** por muito tempo; não era lógico, e depois se ele próprio os acompanhara... Talvez fosse padrinho de casamento. Quis saber, e era natural, o nome da defunta. O dono da casa — ou por não querer dizer, ou porque outra **ideia** lhe tomasse agora a cabeça — não declarou o nome da noiva, nem do noivo.

Ambas as causas seriam.

— Iam casar...

— Deus a receberá em sua santa guarda, e a ele também, se vier a expirar, disse o sacristão cheio de melancolia.

E esta palavra bastou para arrancar metade do segredo que, parece, ansiava por sair da boca do fornecedor de navios. Quando João das Mercês lhe viu a expressão dos olhos, o gesto com que o levou à janela e o pedido que lhe fez de jurar, jurou por todas as almas dos seus que ouviria e calaria tudo. Nem era homem de divulgar as confidências alheias, principalmente as de pessoas ilustres e honradas como era o comendador. Ao que este se deu por satisfeito e animado, e então lhe confiou a primeira metade do segredo: os dois noivos, criados juntos, vinham casar aqui quando souberam, pela parenta de **Mata-Porcós**, uma notícia abominável...

— E foi...?, precipitou-se em dizer João das Mercês, sentindo alguma hesitação no comendador.

— Que eram irmãos.

— Irmãos como? Irmãos de verdade?

— De verdade; irmãos por parte de mãe. O pai é que não era o mesmo. A parenta não lhes disse tudo nem claro, mas jurou que era assim, e eles ficaram fulminados durante um dia ou mais...

João das Mercês não ficou menos espantado que eles; dispôs-se a não sair dali sem saber o resto. Ouvia dez horas, ouviria todas as demais da noite, velaria o cadáver de um ou de ambos, uma vez que pudesse juntar mais esta página às outras da paróquia, embora não fosse da paróquia.

— E vamos, vamos, foi então que a febre os tomou...?

Brito cerrou os dentes para não dizer mais nada. Como, porém, o viessem chamar de dentro, atendeu depressa e meia hora depois estava de volta, com a nova do segundo falecimento. O choro, agora mais solto, ainda que mais esperado, não havendo já de quem o esconder, trouxera a notícia ao sacristão.

— Lá se foi o outro, o irmão, o noivo... que Deus lhes perdoe! Saiba agora tudo, meu amigo. Saiba que eles se queriam tanto que alguns dias depois de conhecido o impedimento natural e canônico do casamento, confiados em serem apenas meios irmãos e não irmãos inteiros, meteram-se em um Cabriolet e fugiram de casa. Dado logo o alarme, conseguimos pegar o Cabriolet no caminho da Cidade Nova, e eles ficaram tão aflitos e envergonhados da captura que adoeceram de febre e acabam de morrer.

Não se pode escrever o que sentiu o sacristão, ouvindo-lhe este caso. Guardou-o por algum tempo, com dificuldade. Soube os nomes das pessoas pelo obituário dos jornais e combinou as circunstâncias que ouviu do comendador com outras. Enfim, sem se passar por indiscreto, espalhou a história, só escondendo os nomes quando contava a um amigo, que a passou a outro, este a outros, e todos a todos. Fez mais; meteu na cabeça que o Cabriolet da fuga podia ser o mesmo dos últimos sacramentos; foi à cocheira, conversou familiarmente com um empregado e descobriu que sim. Donde veio chamar-se esta página de a anedota do Cabriolet.

**O autor  
Machado de Assis**



## O autor

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839, falecendo na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Foi romancista, contista, cronista, poeta, jornalista e teatrólogo.

Por ser mulato e pobre, filho de operário, Machado de Assis não pode **frequentar** uma instituição de ensino, embora tenha estudado mesmo longe da escola. Aos quinze anos, publicou uma obra literária pela primeira vez, no *Periódico dos pobres*, de 3 de outubro de 1854. Dois anos depois, começou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional, onde mantém contato com textos e autores variados. Foi jornalista e revisor em vários jornais e revistas da época.

Seu primeiro livro foi uma tradução, ao qual seguiu seu primeiro livro de poesias: *Crisálidas*, de 1864. O primeiro romance veio em 1872, *Ressurreição*, seguido de *A mão e a Luva* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro considerado pelos críticos como divisor de águas da obra machadiana. Ingressou pelos contos com *Papéis avulsos*, *Contos fluminenses* e *Relíquias da Casa Velha*.

No teatro, publicou várias peças, dentre as quais *Desencantos* e *Quase ministro*. Como crítico literário, comentou textos de autores nacionais e estrangeiros nos jornais em que colaborou, sendo inclusive um dos precursores dessa atividade no Brasil. Na crônica, destacam-se as obras *Bons dias!* e *Crônicas de Lélío* (esta publicada após a morte do autor).

Ocupou a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi patrono-fundador.

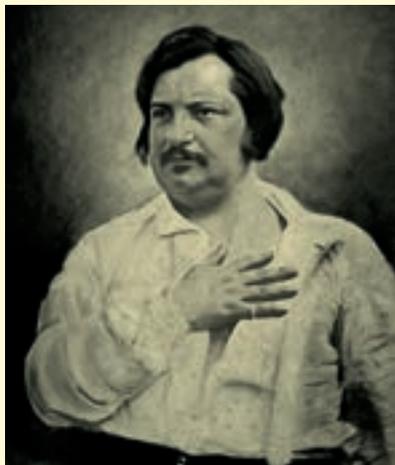


## Características da obra de Machado de Assis

Machado de Assis é seguramente um dos maiores escritores da Língua Portuguesa de todos os tempos. Cultivando os vários gêneros literários, como **poesia**, **prosa** e **teatro**, seus textos são considerados verdadeiros **documentos humanos** e de **paisagens sociais** do final do **século XIX** e início do **século XX**.

A importância do autor é mais evidenciada nos estudos relacionados a sua **prosa**, sendo seus **romances** as obras mais destacadas pelos estudiosos da literatura.

Sua prosa costuma ser dividida em **duas fases**: uma fase **romântica** e uma fase **realista**, sendo esta última considerada a de grande expressão para a Literatura brasileira.



O escritor francês Honoré du Balzac, que teve grande influência na literatura realista mundial.

Em todas as suas obras percebem-se características que marcaram a prosa machadiana, como: o **diálogo com o leitor**; a **referência a autores e obras literárias e filosóficas de outros tempos** (Pascal, Montaigne e Shopenheuer); a **descrição psicológica** dos personagens; a divisão da obra em **capítulos curtos; frases breves**.

Suas temáticas giram em torno de **conflitos e eventos cotidianos da vida burguesa**, que o autor usa para analisar, à sua maneira, o próprio caráter humano. Assim, comumente observamos mulheres e homens desiludidos por **amor não correspondido**; **casamentos** realizados por interesse (nem sempre em dinheiro); o ciúme; a traição.

Os **fatos históricos** também estão presentes nas obras de Machado: nelas, há referência à guerra do Paraguai (no conto Um Capitão de Voluntários, do livro *Relíquias da Casa Velha*); à

declaração da maioria de D. Pedro II, para que pudesse assumir o trono do Brasil Império (em *Dom Casmurro*); à escravidão e os momentos logo subsequentes à libertação dos escravos; à monarquia e as batalhas políticas na transição para a República.

O **panorama político** é uma temática bastante presente nas obras machadianas. Em seus livros, há grande número de alusões à **monarquia** e à **república**. Exemplo disso podemos encontrar na obra *Esaú e Jacó*, no qual dois irmãos, que professam ideologia política diferente (um republicano, o outro monarquista), disputam o amor da mesma mulher.

Machado também se caracteriza por veicular, em suas obras, **ideias** filosóficas, sendo bastante conhecida sua filosofia humanista, elaborada pelo personagem Quincas Borba. O pensamento humanista afirma que há uma tendência do **homem** sempre lugar pela sua **sobrevivência** ou mesmo para sua **escalada social**, mesmo que isso prejudique a outrem. Essa filosofia está resumida na célebre frase “Ao vencedor, as batatas”, que o personagem diz após refletir sobre um episódio a seguir:

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Pode-se perceber, no trecho acima, uma relação com as teorias **naturalistas**, a **lei da seleção natural**, na qual os mais capazes de adaptarem-se ao ambiente têm mais chances de sobreviver.

O **pessimismo** das obras de Machado de Assis é também bastante conhecido e registrado pela crítica literária. Esse pessimismo se caracteriza principalmente pela **predeterminação do homem a ser infeliz**, ou seja, todo ser humano teria por destino a infelicidade. O clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta de maneira bem evidente essa característica logo na dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”. Em vez de homenagear alguém, ele dedica a obra a um verme, colocando-o acima do ser humano. No final, outra clássica demonstração de pessimismo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

O tom pessimista de Machado é completado pela **ironia** e muitas vezes **sarcasmo** que sua obra apresenta. Na própria obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a ironia começa já no fato do autor ser um narrador-defunto, o que o liberaria para contar mais abertamente sua história, sem se preocupar em ferir pessoas.

Ainda nessa obra, a constatação do amor de Marcela pelo narrador (ou pelo que ele poderia oferecer-lhe) é também carregada de tom irônico: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”. Já em *Quincas Borba* e *O alienista*, o autor ironiza a filosofia **positivista** e o **cientificismo**, carregando de termos científicos e sugerindo a incapacidade de compreensão da realidade apenas pelo foco da ciência.

No conto *A cartomante*, o autor tece ironicamente uma crítica ao misticismo, quando narra a previsão de futuro não realizada por uma cartomante. Esse **ceticismo** será encontrado também em várias de suas obras.

## **Machado, pai do Realismo brasileiro**

O **Realismo** é um movimento literário que surge no **século XIX**, juntamente com o Parnasianismo e o Naturalismo. Esse movimento se caracterizou por buscar **retratar a sociedade de maneira objetiva**, mergulhando na análise da psicologia humana, contrariando o romantismo, que supervalorizava o sentimento.

No Brasil, esse movimento teve início com a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do nosso ilustre Machado de Assis, que acabou sendo a figura central do realismo brasileiro.



Machado de Assis descreveu com grande sagacidade o estilo de vida, os modos e os elementos que constituíam o comportamento social do homem em sua época. Alguns críticos chegam a considerar seus escritos verdadeiros testemunhos da sociedade de então.

Machado imprimiu com sua obra quase todas as características desse movimento no Brasil: **análise psicológica** dos personagens; abordagem de temas relacionados à **sociedade da época**; **ambientação urbana**; narração permeada de **fatos cotidianos**; narrativa **não linear** e recheadas por pitadas de **humor** e **pessimismo** resumem bem o que foi o realismo no Brasil.

## Contexto histórico em que a obra foi produzida

O contexto histórico no qual a obra de Machado de Assis foi produzida é profundamente caracterizado por transformações político-culturais e no pensamento humano.

No Brasil, vivia-se um panorama marcado pela passagem do regime **monárquico para o republicano**, que ocasionou os seguintes fatos:

- O Brasil tinha se tornado independente de Portugal havia pouco tempo, o que interferiu no modo de ver as relações entre os portugueses e os brasileiros.

- Abolição da escravatura, que gerou uma mudança nos papéis sociais de donos de terra e trabalhadores rurais, mas não mudou, de imediato, a mentalidade desses atores sociais. Machado se serviu disso para abordar ironicamente as relações interpessoais nesse período.

- Proclamação da República, que intensificou o debate acerca dos ideais políticos liberais e conservadores e republicanos e monarquistas.

- Revoltas civis e campanhas militares, como a Guerra do Paraguai e a Guerra de Canudos.

- O Encilhamento, que foi uma crise financeira da época, registrado em *Esaú e Jacó*.

- Fortalecimento dos ideais positivistas e cientificistas.

## **A obra**

O livro *Relíquias de Casa Velha*, de Machado de Assis, foi publicado em 1906. É um livro de contos que traz em sua abertura uma advertência do autor, que explica um pouco o seu conteúdo, o que o leitor pode encontrar no livro. Encontramos, também, um soneto, A Carolina, dedicado à Carolina, sua falecida esposa. Este é o primeiro livro publicado logo após a sua viuvez.

Coerente com o seu estilo, Machado discute nos contos desse livro temas como traição, vida pública e vida íntima, amores não correspondidos, fatos históricos, como guerras e revoluções, prestígio social e muitos outros conflitos próprios da condição humana, como o medo da morte, repressão de desejos e a convivência em sociedade.

### **Os títulos dos contos do presente livro são:**

- 1. Pai contra mãe**
- 2. Maria Cora**
- 3. Marcha fúnebre**
- 4. Um capitão de voluntários**
- 5. Suje-se gordo!**
- 6. Umás férias**
- 7. Evolução**
- 8. Pílades e Orestes**
- 9. Anedota do cabriolet.**

Em cada conto, Machado nos apresenta um novo conflito humano, observado e pensado por um olhar que, muitas vezes, surpreende o leitor, quebrando as suas expectativas. Fortemente envolvidos por sua ironia, diálogo e ritmo, *Relíquias de Casa Velha* é um convite ao mergulho no universo infinito que é a linguagem machadiana.

## O gênero conto

O conto é um texto narrativo e ficcional de curta extensão. Em geral apresenta narrador, personagens e enredo. Tempo e espaço também são dois elementos de grande importância para o gênero, embora possam estar bem delimitados ou não. Escrito em prosa, o conto desenvolve-se em uma estrutura fechada, tendo um momento-chave como clímax. Caracteriza-se principalmente pela concisão, tem poucos desdobramentos se comparado, por exemplo, a um romance.

## Os contos machadianos

Em seus contos, Machado mantém as suas características marcantes, como a ironia, crítica à sociedade de sua época, conversa com o leitor e utilização do contexto histórico a favor do enredo desenvolvido.

De um modo geral, os personagens pertencem à classe dominante da época, a burguesia. Em suas emoções, demonstram hipocrisia e pessimismo, muito recorrentes também no estilo do autor, que, para tanto, se utiliza do recurso de aprofundamento psicológico dos personagens.

Percebemos ainda que são poucas as ações e fatos nas histórias. A linguagem apresenta uma perfeição gramatical e elementos intertextuais, com referências a outras obras consagradas da literatura universal e à história. Há a presença de várias personagens femininas, que geralmente são complexas, racionais e também emotivas, astuciosas e também puras, configurando-se numa grande metáfora para a visão instável do amor.

## Análise crítica

“A escravidão levou consigo ocupações e aparelhos, aconteceu a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos apenas porque se ligam a certa ocupação. Um deles era o ferro no pescoço, outro o ferro no pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia os escravos perderem o vício da embriaguez, tapando suas bocas.” (p.9)

- Quando Machado publicou *Relíquias de Casa Velha*, em 1906, a escravidão, no Brasil, já havia acabado. Porém, ele revisita o período histórico para ambientar um dos seus mais célebres contos: Pai contra mãe.
- O trecho em destaque é o início do conto, onde o narrador trata de explicar o contexto histórico antes de efetivamente iniciar a narrativa, pois isso terá grande influência na trama.
- Entre os elementos citados no trecho, destaca-se a máscara de folha de flandres, objeto de metal com apenas três orifícios, dois para os olhos e um para o nariz.
- Esse objeto era colocado e preso ao rosto do escravo para que ele fosse obrigado a perder o vício do alcoolismo. Muitas vezes, o escravo roubava o seu “senhor” para comprar bebidas alcoólicas e, além disso, não produzia bem quando estava sob efeito do álcool.
- Machado retoma tal período para contar a história de um casal cujo marido, sem ter ofício, vivia a caçar escravos fugidos para capturá-los em troca de alguma recompensa em dinheiro.

“Ora, pegar escravos fugidos era uma ocupação daquele tempo. Não seria nobre, mas, por ser um instrumento com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza característica dessas ações. Ninguém se metia em tal ofício por prazer ou estudo; a pobreza, a necessidade de um rendimento, a falta de habilidade para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que de outro jeito, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.” (p.10)

- O personagem protagonista do conto, Cândido Neves, ou simplesmente Candinho, tinha dificuldades em exercer apenas um ofício, especializando-se em algo. Todas as ocupações feriam o orgulho dele.
- A explicação histórica para isso é que, na época da escravidão, os brancos pobres tinham mesmo dificuldades de conseguir trabalho, pois a oferta de empregos não era tão grande assim. Ter um ofício significava segurança e estabilidade financeira.
- Pegar escravos fugidos não seria nobre na época, mas tinha o seu valor, pois o homem capaz de recuperar um escravo fugido era ágil, forte e capaz de pôr “ordem à desordem”, conforme afirmado no trecho.
- Porém, para Candinho, um ofício o igualaria a um escravo, pois certas ocupações, como atendimento em uma mercearia, local onde se “serve” e “atende” as pessoas, não eram bem considerados por remeterem a atividades de escravos.

“Contava trinta anos. Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse um pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro interesse.” (p.11)

- Candinho se apaixona por Clara assim que a conhece. A paixão o toma, dá fôlego para aprender o ofício do primo que morava com ele, o de entalhador, apenas para ter emprego quando casasse. Em seguida, ele também o abandona.
- É curiosa a escolha dos nomes dos personagens. Cândido Neves, bem como Clara, são nomes que remetem diretamente a uma imagem de cor branca, alva. Tal característica não é por acaso.
- A referência à brancura do casal tem relevância para o contexto da história, os contrapõe em relação aos escravos, reforça a **ideia** e condição de “brancos”, em oposição aos “negros” na sociedade.
- A moça, Clara, trabalhava no mesmo ofício da sua tia, “cosia” com ela, ou seja, costurava para ganhar dinheiro e contribuir com as despesas. Porém, tal ocupação não era muito rentável, o casal vivia sempre de modo muito simples e com o dinheiro contado.

“Foi na última semana do último mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança à Roda dos Enjeitados. Na verdade, não podia haver palavra mais dura de suportar a dois jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar.” (p.15-16)

- A situação veio a se agravar quando Clara engravida. Já não apareciam tantos escravos fugidos para capturar e conseguir algum trocado e eles começam a passar necessidades.
- A tia de Clara sugere ao casal que deixem a criança na Roda dos Enjeitados ao nascer. Assim, estaria garantido a ela pelo menos ter o que comer todos os dias.
- A Roda dos Enjeitados era um lugar no Convento das Freiras da Ajuda onde os recém-nascidos eram abandonados, portanto, enjeitados, ou por que a família não teria condições de criá-lo ou por ser bastardo. Enfim, eram deixados para serem cuidados pelas freiras.
- No trecho destacado, fica evidente que abandonar o filho não estava nos planos do jovem casal. Também não seria possível rejeitar a uma criança que era esperada.
- Tal situação descrita no conto é verossímil: a Roda dos Enjeitados existiu e historicamente tal conflito era comum na sociedade. O autor traz essa referência social e histórica como pano de fundo da história contada, mostrando um pouco dos conflitos sociais da época.

“Chegou ao fim do beco e, dobrando à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não narro aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme.” (p.19)

- Candinho fica sabendo do caso de uma negra fugida, Arminda, cuja recompensa é muito satisfatória. Ele vê no dinheiro do resgate de Arminda a feliz oportunidade de ficar com o filho, não precisando mais abandoná-lo na Roda dos Enjeitados.

- A partir disso, Candinho se empenha para capturar a moça e devolvê-la ao seu “senhor”. Para conseguir isso, ele irá lutar brutalmente com a moça, que, por sinal, estava grávida, mas Candinho não se comove com tal fato. Ele pensa apenas no seu filho e em poder sustentar a família por mais tempo.
- Após lutar com Candinho e também contra o patrão, a escrava abortou. Tal fato não comove Candinho e ainda menos o patrão, que estava aborrecido pela fuga da escrava.
- O fato de os personagens não darem importância ao aborto da escrava sugere o egoísmo e a hipocrisia social da época. A discriminação também é presente neste conto, se concretiza na presença da escrava Arminda, negra fugida que não tem sequer direito de ver nascer o seu filho.
- Podemos também perceber a linguagem elaborada de Machado. No trecho: “O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo”, o autor traz uma metáfora para explicar o aborto de modo poético.
- No fim da trama, o título do conto se justifica. Pai contra mãe, a luta de um jovem pai desesperado para sustentar o filho.

“Na rua, andando, vestida de escuro, como na véspera, Maria Cora pareceu-me ainda melhor. Pisava forte, não apressada nem lenta, o bastante para deixar ver e admirar suas belas formas, muito mais corretas que as linhas do rosto. Subiu a Rua do Hospício, até uma oficina de oculista, onde entrou e ficou dez minutos ou mais. Fiquei a distância, fitando a porta disfarçadamente.” (p.24)

- Neste trecho, o narrador descreve a personagem Maria Cora, que dá também nome ao segundo conto. Nesta história, um rapaz se encanta por uma mulher de cerca de 30 anos que está separada do marido, que por sua vez está envolvido em amores paralelos e questões políticas.
- Temas como a traição, política, hipocrisia, arrependimento e amores não correspondidos estão presentes nessa trama. Os sentimentos humanos são retratados como sentimentos de egoísmo e ceticismo.

“Uma circunstância política veio complicar esta situação moral. João da Fonseca era pelo lado da revolução, dava-se dos contrários. Maria Cora, por laços de família, era contra os federalistas. Esta oposição de sentimentos não seria bastante para separá-los, nem se pode dizer que, por si mesma, azedasse a vida dos dois. (...) Prazeres era ligada ao partido da revolução, não só pelos sentimentos, como pelas relações da vida com um federalista. Eu a conheci pouco depois, era bela e charmosa; João da Fonseca era também um homem sedutor. Podiam amar-se fortemente, e assim, foi. Vieram incidentes, mais ou menos graves, até que um decisivo determinou a separação do casal.”

- João da Fonseca, marido de Maria Cora, já tinha histórico de traições com a esposa. O trecho em destaque ilustra mais um desses amores extraconjugais do marido, que além da motivação sentimental teve também motivação política.
- A moça chamava-se Maria dos Prazeres, era bonita, charmosa e envolvida com política, ligada ao partido da revolução. Ela consegue envolver João da Fonseca com sua paixão e levá-lo a guerrilhar na revolução. Prazeres foi também o motivo da separação definitiva entre Maria Cora e o marido.
- Observe que as escolhas dos nomes dos personagens de Machado tem grande valor simbólico. Maria Cora sugere candura, leveza, pureza. Já Prazeres tem a sugestão de desfrute e prazeres desde o nome. Tal artifício causa uma relação de oposição entre as personagens.
- A revolução descrita no trecho foi a revolução federalista, fato histórico verídico, que ocorreu no Sul do País logo depois da Proclamação da República. Foi uma guerra civil que durou de fevereiro de 1893 a agosto de 1895, tendo como uma de suas principais causas a busca pela autonomia estadual do Rio Grande do Sul, frente ao poder federal, bem como seus opositores.
- Os membros do partido federalista, criado e liderado por Gaspar da Silveira Martins, assim como seus seguidores, os Maragatos, defendiam o sistema de governo parlamentar e a revisão da Constituição. Já os membros do partido republicano rio-grandense, os Pica-paus, liderados por Jú-

lio de Castilho, seguiam uma linha positivista, **baseavam-se** no princípio comtiano positivista.

- A revolução federalista teve fim no ano de 1895, com a vitória dos Pica-paus. O acordo de paz foi assinado em Pelotas em 23 de agosto de 1895. A revolução federalista deixou um sangrento saldo de cerca de dez mil mortos e inúmeros feridos.

“Na resposta havia uma palavra que é a única razão de escrever esta narrativa: “Compreende que eu não podia aceitar a mão do homem que, embora lealmente, matou meu marido?”

Comparei àquela outra que me dissera antes, quando eu tinha proposto sair a combate, matá-lo e voltar. “Não creio que ninguém me ame com tal força.” E foi essa a palavra que me levou a guerra.” (p.45)

- O trecho descreve o final do conto. Maria Cora, ao saber do amor do rapaz por ela, o incentiva, indiretamente, a ir lutar na revolução e matar seu marido, João da Fonseca, único empecilho para o amor dos dois, pois ela ainda estaria legalmente casada com ele.
- Ao lutar na revolução, o jovem encontra com seu rival, e eles lutam ferozmente. Por fim, João da Fonseca é morto pelo rival, que colhe um pouco do cabelo do morto para entregar à esposa como prova da sua morte.
- Para surpresa do romântico rapaz, ao voltar da guerra, Maria Cora não aceita casar-se com ele e o escreve justificando: “Compreende que eu não podia aceitar a mão do homem que, embora lealmente, matou meu marido?”.
- Percebemos a hipocrisia e dissimulação da mulher que primeiro incentiva o rapaz a tomar tal atitude e, em seguida, o condena por tê-lo feito. Ela, por fim, termina sozinha, chorando e revivendo as memórias de seu marido e sendo fiel a ele, mesmo depois de sua morte.
- O destino do rapaz é permanecer sozinho, vítima de seu grande amor pela mulher que não cumpriu com o trato. Ela o envolve, mas não se entrega totalmente, permanecendo fiel à memória do marido.
- Este trecho descreve os protagonistas do conto *Umas férias*, dois irmãos que estavam na escola quando recebem a visita de um tio que os busca e os leva para casa de súbito.

“Fomos andando. Felícia era mais velha do que eu um ano. Calçava sapato baixo, atado ao peito do pé por duas fitas cruzadas, vindo acabar acima do tornozelo com laço. Eu, botinas de couro, já gastas. As saias dela pegavam com a fita dos sapatos, as minhas calças, largas, caíam sobre o peito do pé; eram de chita.” (p.76)

- Inicialmente as crianças pensam que o motivo da volta pra casa mais cedo seria uma folga, motivo de festa ou coisa assim.
- Na verdade, as crianças descobrem, ao chegar à casa onde moravam, que o pai delas morreu, deixando a eles e a mãe inconsolável.
- A temática da morte aqui é retratada de modo realista, sob o olhar de uma criança que não entende muito bem como isso veio a acontecer. Ela acompanha os rituais tradicionais para este evento e os costumes seguidos pela população daquele local.

“Nem por isso os meninos do colégio deixavam de vir espiar para dentro da minha memória. Um deles chegou a perguntar-me quando é que eu voltaria.

– Sábado, meu filho, disse minha mãe, quando lhe repeti a pergunta imaginada; a missa é sexta-feira. Talvez seja melhor voltar na segunda...

– Melhor sábado, emendei.

– Pois sim, concordou.” (p.81)

- O menino em questão não gostava de estudar, para ele era algo aborrecedor. Gostava de brincar e de folgar. Com a morte do pai, ele teve umas férias forçadas, pois foi obrigado a guardar a primeira semana de luto do pai em casa, junto à família, até o dia da missa de sétimo dia.
- Machado descreve alguns dos costumes da época em relação à morte. Um deles é o fato de guardar o luto do morto por sete dias, afastando-se de suas atividades habituais para se resguardar e chorar a morte do ente querido.
- Diferente do que havia imaginado o menino, seus dias em casa não foram de alegria e festa, mas sim de tristeza e melancolia. Respeitava o luto da família, mas a sua imaginação continuava a viajar longe.

- Quando a mãe o obrigava a passar horas sentando, lendo, ele ficava apenas olhando o livro e imaginando festas, histórias, brincadeiras. Não gostava de estudar, portanto, tinha dificuldades de se concentrar.

“A missa de sétimo dia devolveu-me à rua; no sábado não fui à escola, fui à casa do meu padrinho, onde pude falar um pouco mais, e no domingo, estive à porta da loja. Não era alegria completa. A total alegria foi segunda-feira, na escola. Entrei vestido de preto, fui mirado com curiosidade, mas tão diferente pelos meus amigos que me esqueci das férias sem gosto e achei uma grande alegria sem férias.” (p.83)

- Este trecho ilustra o fim do conto e o final da história do garoto, que aos poucos retoma a sua rotina após a morte de seu pai. A causa da morte do pai não fica clara no conto, a discussão gira em torno da alteração brusca na rotina da criança e de seus familiares devido ao fato.
- Após o período inicial de luto, passados os primeiros sete dias da morte do pai, o garoto pôde, por fim, ir voltando a sua rotina inicial. Na casa do padrinho, ele podia “falar um pouco mais”; depois foi à escola, onde foi olhado com curiosidade pelos colegas.
- Machado retrata a morte permeando o universo infantil e os impactos que ela causa, modificando a rotina da família e pondo em prática costumes da época.

“Quintanilha gerou Gonçalves. Tal era a impressão que davam os dois juntos, não que se parecessem. Ao contrário, Quintanilha tinha o rosto redondo; Gonçalves, comprido, o primeiro era baixo e moreno; o segundo, alto e claro; e a expressão total era inteiramente diferente. E eram quase da mesma idade.” (p.92)

- Este é o início do conto *Pílades e Orestes*, onde o narrador apresenta dois grandes amigos, protagonistas da trama. O primeiro, Quintanilha, e o segundo, Gonçalves.
- A sugestão da temática da trama, amizade masculina, está presente já a partir do título. *Pílades e Orestes* são dois personagens da mitologia grega que simbolizam a amizade masculina.

Observamos, assim, a presença de elementos intertextuais na obra, como a presença de personagens da mitologia grega.

- Na trama do conto, a incontestável amizade dos protagonistas será abalada por causa de uma mulher: os dois amigos irão se apaixonar pela mesma moça, Camila, prima de Quintanilha.

“Quintanilha achou graça e riu. Depois concordou e esperou que os três meses fossem passados. Até lá, viu a prima algumas vezes, sendo as três últimas visitas mais próximas e longas. (...) Chamava à filha de “a minha alemãzinha”, apelido que foi adotado por Quintanilha, apenas modificado para o plural: “a nossa alemãzinha”. Pronomes possessivos dão intimidade; dentro em pouco, ela existia entre os três – ou quatro, se contarmos Gonçalves, que ali foi apresentado pelo amigo. Mas fiquemos nos três, porque ele é coisa já farejada por ti, leitor esperto.” (p.99)

- Gonçalves é apresentado a Camila pelo amigo Quintanilha e, assim, passa também a ser amigo da família e **frequen-**  
**tar** a casa. A moça era bonita e prendada, tocava música alemã no piano, daí o apelido: “a minha alemãzinha”, dado pelo pai e que depois é adotado também por Quintanilha, que o aperfeiçoa para o plural.
- Podemos observar uma característica recorrente nos textos machadianos, que é a conversa com o leitor. No trecho: “Mas fiquemos nos três, porque ele é coisa já farejada por ti, leitor esperto”, percebemos a tentativa de interação, própria do autor. Ao chamar o leitor de “esperto”, ele tenta interagir e dá margens de interpretação ao texto. Sugere que tal personagem referido terá importância para a trama.
- Ao longo da trama, Quintanilha descobrirá que, na verdade, o seu amigo Gonçalves está também apaixonado por Camila e é correspondido. Quintanilha, por sua vez, aceita a escolha da amada, torna-se padrinho de casamento dos noivos e dos dois primeiros filhos.
- Quintanilha, não tendo o seu amor correspondido, termina por cuidar dos afilhados. Certo dia, é morto, vítima de uma bala perdida.